

OS CHAPMANS
Everett



CHRISTINE STERLING

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



OS CHAPMANS
Everett



CHRISTINE STERLING

Everett

CHRISTINE STERLING

OS CHAPMANS

1ª Edição



2023

Ribeirão Preto/SP

DIREITOS AUTORAIS



Título Original: Everett
The Chapmans #4
Copyright©2020 por Christine Sterling
Copyright da tradução©2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Raquel Ribeiro
Diagramação e adaptação de Capa: Labellaluna Web®
Capa: Virginia McKeivitt

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

S838lbe

Sterling, Christiane

Título: Everett(recurso eletrônico) - ©2023 Leabhar Books Editora

Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de Everett © 2020 - Christine Sterling..

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-078-3

1. Western. 2.Americano. 3. Flôres, R. I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

AGRADECIMENTOS



Jesus, por me levantar quando senti que estava no fundo do poço.

Salmo 27.

Ao meu amor e cara metade, Daniel. Obrigada por me animar através dos altos e baixos da escrita e ser minha referência para todas as coisas relacionadas a armas de fogo.

Minhas três lindas filhas, Rebecca, Nora e Elizabeth, que são meu PORQUÊ em escrever.

Eu não poderia fazer isso sem minha equipe. Meus revisores, Carolyn e Amy; minha rainha do boletim informativo, Amber, minha garota de mídia social, Rose, e minha incrível artista de capa, Virginia. Esta é a melhor equipe que um autor poderia ter!!



DEDICATÓRIA



Para o meu Chapman Street Team, que foi fundamental para me animar até a linha de chegada e encontrar todos os meus erros. Eu te amo!

Obrigada ao Chapman Street Team por tornar toda esta série possível!

Essas pessoas incríveis leram cada capítulo deste livro enquanto ele estava sendo desenvolvido e forneceram um feedback incrível! Elas também nomearam cerca de 90% dos personagens! Eu aprecio cada uma de vocês!

- Alice Kimes
- Amy Petrowich
- Dolores Howard
- Jocelyn Logan
- Laura Park
- Lauren Sorgaard,
- Marcia Montoya
- Paulette Marshall
- Rhonda Myers
- Sandra White
- Sandy Sorola
- Sue Krznaric
- Theresa Baer
- Zona Fannin

DS CHAPMANS

WESTON CHAPMAN & INGRID ALAND

OWEN CHAPMAN & ELENORE BROOKS

OLIVER CHAPMAN & WILLOW STEPHENS

MICHAEL CHAPMAN (F)

CALEB CHAPMAN

EVERETT CHAPMAN

MARIANE CHAPMAN & ARCHIBALD GORDON

PENELOPE CHAPMAN & ANGUS HIGHTOWER

ALICE CHAPMAN

DS HARTHMANS

RANDALL HARTMAN & VERA BROWN

CHATTER HARTMAN

BAKTER HARTMAN

EVANGELINE SARAH HARTMAN & DUKE RICHARDS

REXFORD HARTMAN

WHITNEY HARTMAN

FRANKLIN HARTMAN (F)

ANNAMAE HARTMAN

PREFÁCIO



*Para: P. Phillips
Peach Bottom Road
Atlanta, Geórgia*

Agosto de 1872

Minha querida Polly,

Recebi sua última carta e peço perdão pela demora em responder. Tantas coisas aconteceram, desde que lhe escrevi sobre minha chegada a Flat River.

Como sabe, os Chapmans me acolheram depois de enfrentar uma rejeição tão horrenda, como sofri com a Família Hartman. O homem que me resgatou, Owen, agora é aquele que segura meu coração. Não consigo imaginar minha vida sem ele. É o homem mais honrado que já conheci. Eu sei que se o conhecesse, veria como ele é verdadeiramente honrado.

A família inteira é assim. Eu nunca conheci uma família que se importa tanto uns com os outros, e até mesmo com os estranhos que acolhem. Owen e eu vamos nos casar, mas insisti que esperássemos, até que toda a família pudesse comemorar conosco. Isso lhe inclui, minha cara amiga.

Embora eu saiba que meus amados pais podem não conseguir fazer a viagem, insisto que viaje para estar conosco. Mal posso esperar para apresentá-la à minha nova família.

Sra. Chapman, atende pelo nome de Marmee e ela é tão

querida para mim quanto minha mãe. Weston Chapman, me aceitou como uma filha de verdade. Agora, eu os amo como se fossem meus pais. Nunca tive irmãos e certamente são diferentes do que estou acostumada.

Se eu tivesse irmãos crescendo, eu adoraria que fossem como Oliver, Caleb e Everett. Eles agora se referem a mim como sua irmã! E há três filhas Chapman, Marianne (que ainda não conheci), Penelope (a adoraria, Polly – ela me lembra você e não perde nada à sua volta) e a querida Alice, que é a mais nova.

Sinto-me tão parte da família Chapman que é difícil acreditar que cheguei aqui há apenas alguns meses. E saber que serei verdadeiramente uma Chapman, assim que Owen e eu trocarmos votos, é quase demais para suportar.

Não posso acreditar que perdi o homem com quem poderia me casar e encontrei, ao invés disso, aquele com quem deveria me casar. Quanta felicidade um coração pode conter?

Nenhum dos irmãos é casado. Estaria desejando demais se, se tornasse minha verdadeira irmã, tomando o nome de Chapman?

A vida é completamente diferente aqui. Tudo parece estar em preparação para o inverno. Não há tempo ocioso, pois cada tarefa tem um propósito. Marmee me disse que a família fica presa dentro de casa de dezembro a março. Eles só saem para verificar o gado ou consertar equipamentos agrícolas.

Tenho ajudado Marmee a fazer a colheita. Imagine isso! Eu, a filha de um banqueiro de Atlanta, fazendo manteiga de maçã e geleias das últimas frutas da estação.

Confesso que não gosto de esmagar as uvas bravas que crescem à beira da ribeira, mas não há nada tão doce como um bocado de compota fresca num biscoito quentinho do forno. É um trabalho bastante tedioso. Não é tão tedioso

quanto bater manteiga. Eu uso meus braços e em breve, serão tão grandes quanto alguns dos cowboys no campo.

Alice tem nos ajudado. Ela é uma garota tímida. Algo aconteceu com ela, mas ainda não se abriu para mim e eu sinto que não é minha função perguntar.

Penelope, a filha mais velha dos Chapmans, voltou para Denver. É lá que mora o marido. Eu não ficaria surpresa se ela voltasse com algumas notícias excepcionalmente boas, antes do Dia de Ação de Graças. Espero que toda a família Chapman esteja aqui, no Dia de Ação de Graças. Estou ansiosa para conhecer Marianne.

Eu gostaria de dizer que sinto falta de Atlanta, mas honestamente, além de você, minha querida amiga, não há nada lá que me obrigue a voltar. Nem mesmo meus próprios pais, por mais que eu sinta falta deles. Eu sei que estão muito contentes com suas vidas, e não consigo imaginar papai aqui entre os longhorns e tortos de vacas. Sabia que eles usam batatas secas para acender as fogueiras no inverno?

Eu ri quando Marmee sugeriu que fôssemos pegar as batatas que haviam secado ao sol. Mas então percebi que era parte integrante da vida aqui. Acho que há algo a ser dito por ter tanto gado. Nunca haverá falta de batatas.

Oh, Polly, eu queria que estivesse aqui comigo. Eu sei que aceitaria tudo isso e poderíamos ter lembranças maravilhosas de Nebraska juntas. Há tanta coisa para ver e fazer.

Eu espero que possa estar aqui a tempo para o nosso casamento. Afinal, me prometeu.

Quando vier, pegue o trem para Grand Platte e, em seguida, a carruagem, vem diretamente para Flat River. Assim que souber quando poderá vir, avisarei Marshall Briggs para que ele possa ficar de olho na sua chegada.

Eu sinto tanto a sua falta, minha querida amiga.

Aguardo ansiosamente sua resposta.

Sua amiga querida,

Ellie

PS ~ Se conseguir a receita do bolo da Sra. Bailey, eu gostaria de tê-lo como bolo de casamento. É muito melhor do que baunilha simples e creme de manteiga.

Polly Phillips traçou o roteiro carinhosamente com o dedo. Ellie era sua melhor amiga desde a infância e partira para se casar com um homem que não conhecia. Polly achou tão romântico viajar aquela distância por amor!

Ela deu uma risadinha, enquanto lia o pós-escrito. Sra. Bailey, era conhecida por seu pão de ló recheado com creme e geleia. Seria um bolo de casamento maravilhoso para Ellie.

Polly dobrou a carta e a colocou na mesa de cabeceira. Tinha que se planejar. Agora era setembro. A carta levava quase cinco semanas para chegar até ela. Ela contou nos dedos, trabalhando para trás desde o Dia de Ação de Graças.

Entre ajudar a Sra. Brooks com as roupas de casamento, implorar a receita da Sra. Bailey, preparar seu próprio baú e viajar para Nebraska para estar lá antes do casamento, Polly sabia que tinha menos de duas semanas para ir para o Oeste.

Sua melhor amiga estava se casando!

Ela deu um gritinho e dançou um pouco, enquanto se dirigia à porta para começar o que precisava ser feito.

CAPÍTULO 1



OUTUBRO DE 1872

Everett Chapman estava montado em sua égua, Shadow, enquanto esperava que seus homens selassem seus cavalos.

Abriu e fechou os dedos tentando ajustar suas luvas de couro duro. Mesmo um pouco de espaço, significaria que seus dedos não sentiriam como se estivessem caindo. O couro não estava dando folga. Havia sido repetidamente encharcado e agora tinha definitivamente encolhido. Seria um bom par para Alice, Ellie ou mesmo Willow.

Alice era sua irmã, Willow sua cunhada e Ellie estava noiva do filho mais velho dos Chapmans.

Se Owen se livrasse de sua tolice e se casasse com ela.

Como o mais novo dos irmãos Chapman, Everett era um homem de ação. Seus irmãos, parecia, levavam seu tempo doce quando tomavam decisões.

Mas não ele.

Os gêmeos Owen e Oliver, eram os Chapmans mais velhos.

Então veio Michael que havia morrido em um tiroteio.

Everett, inconscientemente acionou sua mão, estremecendo quando o couro seco cortou sua pele.

Depois de Michael vinha Caleb.

Everett e Caleb eram próximos, mas não tanto quanto Caleb e Michael tinham sido. Ele achava que Caleb nunca superaria a perda de Michael. Quando estavam observando o gado e dormindo sob as estrelas, às vezes Caleb compartilhava seus pensamentos, mas raramente falava sobre o que aconteceu.

Everett nasceu três anos depois. Em seguida, suas irmãs. As gêmeas Marianne e Penelope e depois Alice, chegaram. Eles estavam certos no que diz respeito às meninas. Porque elas poderiam até mesmo laçar um bezerro se a ocasião exigisse.

Mas agora...

Everett suspirou.

A casa estava sendo tomada por um grupo de mulheres, que não eram suas irmãs. Sua mãe se sentia no céu. Everett deu um pequeno sorriso pensando em sua mãe.

Ingrid Chapman, ou Marmee, como gostava de ser chamada, cuidava de

qualquer um que agradasse a porta dos Chapmans. As memórias de infância de Everett, estavam cheias de tentativas de chamar a atenção de Marmee. Como o mais novo dos cinco filhos, às vezes se sentia invisível. Quando as meninas nasceram, ficou menos que invisível. Ele diria que a única vez que Marmee chamava seu nome, era quando ela estava gritando com ele.

Aos 27 anos, Everett ainda estremecia quando ela gritava. Não fazia isso com frequência, mas ainda assim...

Agora toda a sua atenção estava nas três mulheres que moravam na casa. Marianne e Penelope moravam em Denver, então sobraram Alice e as duas estranhas que passaram a fazer parte da família.

Primeiro foi Ellie. Ela viajou de Atlanta, para ser uma noiva por correspondência de Frank Hartman. Quando Frank foi encontrado morto, Owen trouxe Ellie para casa para que Marmee pudesse cuidar dela. Owen insistiu que Ellie voltasse para Atlanta. Quando chegou a hora de ela ir embora, em vez de contar os minutos para ela ir, Owen estava planejando como ele poderia fazê-la ficar. Agora, a estava seguindo como uma vaca apaixonada, escrevendo suas cartas e declarando seu amor.

Everett gostava de Ellie, ele realmente gostava. Ela finalmente conseguiu ajudar Owen a encontrar o amor novamente, depois que fora deixado no altar. O que não gostava, era de todas as emoções correndo pela casa. A maioria das quais eram excessivamente sentimentais.

As emoções deixavam Everett desconfortável.

Mas não tão desconfortável, quanto um bando de mulheres correndo pelo rancho.

Pouco depois de Ellie chegar, uma mulher chamada, Willow apareceu no rancho. Ela fugiu de uma situação abusiva e foi resgatada por Oliver. Eles se casaram dentro de um mês para que Ollie pudesse protegê-la do homem que a perseguiu. Ela ainda era muito cautelosa, mas fazia Ollie feliz, e isso era tudo com que Everett se importava.

Graças a Deus, Caleb teve o bom senso de não se casar. Ele e Everett poderiam permanecer solteiros e assumir o negócio de gado do pai. Everett olhou para o gado no pequeno pasto ao lado do celeiro. Havia quinhentas cabeças que Everett tinha que levar para o pasto do sul antes do inverno.

Caleb partiu em junho para o Texas, para examinar o gado que seu pai, Weston, havia comprado. Alguma coisa deve ter acontecido na trilha de volta a Nebraska, pois seu pai viajara para Owl Canyon para encontrar a unidade de gado e escoltar o rebanho pelo resto do caminho para casa.

Everett não entendia por que os cowboys não podiam trazê-los de volta para Flat River. Sabia que Jimmy, o batedor, estava com eles; assim como Slim, que trabalhava para os Chapman desde menino e Tot, que dirigia a carroça que alimentava os homens famintos.

Weston voltou alguns dias atrás, seguido por um grupo de cowboys exaustos. Alguns foram contratados apenas, para a movimentação de gado do Texas a Nebraska. A outros foram oferecidos cargos permanentes para ficar

no rancho. Eles pareciam ser um bom grupo de homens honestos.

A única pessoa que não voltou para casa, foi Caleb.

Weston não disse muito quando chegou, apenas que Caleb estava ferido e estaria em casa assim que pudesse. Marmee queria ir para Owl Canyon para ficar lá e cuidar de Caleb, mas Weston disse que ele estava em boas mãos.

Everett estava um pouco irritado por Caleb não ter retornado. Então, agora, ele observa um grupo de trinta criadores e 3.500 cabeças de gado.

Os três mil bovinos que Weston comprara, somados aos quinhentos que possuíam atualmente, fariam da fazenda Chapmans uma das maiores fazendas de gado do Nebraska. Havia também cinquenta cavalos, mas esses foram para Owen e Oliver, pois haviam começado recentemente a criar cavalos.

O gado havia sido dividido em diferentes lotes e depois solto para vagar e se alimentar em grandes áreas de pastagem. Este era o último grupo que precisava ser escoltado. Uma vez que chegassem ao pasto do sul, o gado ficaria lá até a primavera, quando seria reunido para separar os bezerros e as mães do resto do rebanho.

O pasto do sul tinha um grande celeiro cheio de feno e ração suficiente para os meses de inverno, além de vários anexos onde o gado podia escapar do clima severo. O gado era do Texas e não estava acostumado com o clima mais frio, que o inverno de Nebraska poderia trazer. Eles desenvolveriam rapidamente couros grossos, que os protegeriam das temperaturas mais frias.

O clima não era o problema para o gado. Era garantir que tivessem o suficiente para comer. Se os animais não encontrassem comida suficiente pastando, ou o feno acabasse, havia uma possibilidade real de que o rancho perdesse parte do rebanho.

Everett puxou o couro cobrindo seus dedos. Ele precisava tirar as luvas antes que seus dedos ficassem doloridos demais para trabalhar. Mordendo a ponta da luva, conseguiu afrouxá-la o suficiente para que escorregasse de sua mão. Enfiando a luva no bolso, ele começou a puxar a segunda luva. Conseguiu tirá-la assim que, Smokes, um dos principais cowboys que trabalhavam no rancho, aproximou-se.

— Acho que estamos quase prontos, chefe — disse Smokes. O nome verdadeiro do cowboy era, Henry Jacobs, mas recebeu o apelido de Smokes porque sempre podia ser encontrado com um cigarro pendurado no canto da boca.

Everett assentiu.

— Eu preciso encontrar um par de luvas que sirvam. Não vou subir lá sem um par de luvas.

— Vai voltar para a casa?

Everett assentiu.

— Acho que o pai tem um par sobressalente.

Ele observou Smokes soprar um anel de fumaça e depois inalá-lo de volta. Smokes deu um grande sorriso e uma nuvem de fumaça escapou por entre os dentes descoloridos. Fumar era um vício pelo qual, Everett não estava

interessado. Ele imaginou que no final do dia cheirava mal o suficiente, não precisava do cheiro de tabaco queimado permeando suas roupas.

— O que quer que eu faça, chefe?

Everett enfiou as luvas no bolso.

— Eu quero que assuma a liderança e eu te encontrarei antes de que chegue à primeira cerca.

Smokes assentiu e esmagou o cigarro na fivela do cinto antes de jogá-lo no chão. Ele virou seu cavalo em direção ao curral e deu um grito para os homens que estavam esperando. Everett virou Shadow no sentido contrário e cavalgou em direção à casa grande.

A casa ficava no meio do rancho. Era cercada por pastagens, dois grandes jardins e um riacho que desembocava em Flat River. Tinha dois andares, o que era exclusivo da área. A maioria das casas era feita de barro, mas Weston Chapman insistiu que sua noiva não morasse em uma casa de terra. Era de madeira, extraída das árvores que cresciam junto ao rio.

Marmee e Pa, tinham seu quarto no andar superior. Ninguém nunca subiu lá. Era o lugar privado de seus pais, longe de todo o barulho de oito crianças indisciplinadas. O nível inferior era uma grande sala com um fogão no canto e uma lareira de pedra alta em uma parede. Everett se lembrava de recolher as grandes pedras do riacho e do leito dos rios, quando era jovem. Projetando-se da sala principal, como raios de uma roda de carroça, havia vários corredores que levavam a salas diferentes.

Os quartos de suas irmãs ficavam no lado oeste da casa e dos irmãos no lado leste. Havia também uma sala de estar para Marmee e um escritório para Weston. Seus pais estavam orgulhosos da casa que construíram para acomodar uma família tão grande. No entanto, o orgulho de Weston era o jardim de flores que ele construiu para Marmee, nos fundos da casa.

A maioria dos homens acharia um desperdício, mas Weston Chapman não era como a maioria dos homens. Ele fez tudo o que podia para ter certeza de que sua esposa estava feliz. Se precisasse ir ao Colorado para encontrar plantas com flores, então ele iria para o Colorado. Havia até plantas do Oriente, trazidas por mercadores viajantes. Marmee tinha um jardim que rivalizava com os de Boston.

Everett não tinha tempo para flores. Estava muito ocupado cuidando do gado. Não importaria de qualquer maneira. Não era como se ele fosse se casar. Tinha visto o que se apaixonar tinha feito com seus irmãos. Eles estavam felizes, sim, mas não tomavam muito tempo para mais nada. Se isso significasse passar menos tempo com sua família, então não se casaria.

Não havia muitas mulheres em Flat River. O país era duro. A única mulher que Everett conseguia pensar era... ele balançou a cabeça. Não queria ir para lá. Annamae era uma criança, da última vez que a viu. Estavam na escola juntos, mas não a via há quase dez anos.

Foi nessa época que Owen foi humilhado na frente de sua família e amigos. Owen estava pronto para se casar com a filha do vizinho. Everett achou

estranho, porque não percebeu que Owen estava cortejando alguém. Um dia estavam todos pescando no riacho, no dia seguinte, Owen anunciou que ia se casar no final do mês.

Parecia uma vida atrás.

Everett foi até a varanda. Alice estava sentada no balanço. Ela escrevia em seu diário de couro, enquanto balançava suavemente para frente e para trás.

— O que está fazendo, Pint Jar? — perguntou, desmontando Shadow antes de amarrar a égua na grade da varanda. Ele subiu os degraus em um salto e aterrisou nas tábuas de madeira com um baque.

Alice olhou para cima e um sorriso surgiu em seu rosto. Everett ficou feliz em vê-la sorrindo. Ela não sorria, há um bom tempo. Alice foi sequestrada por um membro de confiança do clero. Levou várias semanas para encontrarem Alice. Eles não a teriam de volta se não fosse por Penelope se infiltrando em São Francisco.

Penny, voltou para casa com um marido e uma Alice traumatizada.

— Ev — ela disse, dobrando o diário e levantando-se para desenrolar a perna, na qual estava sentada. — Nada especial. Apenas anotando meus pensamentos.

— No que está pensando?

— Estou pensando por que estaria de volta em casa quando deveria estar movendo o rebanho para o pasto do sul.

Everett deu uma risadinha.

— Com certeza sabe muito, Alice.

Alice deu de ombros.

— Só presto atenção.

— Aqui — disse Everett, puxando as luvas de couro do bolso.

Alice pegou as luvas de couro.

— Para que servem?

— Eu as molhei e o couro encolheu. Achei que gostaria de tê-las.

— O que eu faria com elas?

Everett esfregou o queixo.

— Bem, poderia usá-las, quando formos verificar o rebanho.

Seus olhos ficaram grandes.

— Me deixaria cavalgar contigo?

— Quando estiver pronta — Everett abriu a porta. — E quando estiver pronta, precisará de um par de luvas — ele deu uma piscadela para Alice e desapareceu dentro da casa.

Marmee deve ter ouvido a porta abrir, quando ela enfiou a cabeça pela porta de sua sala de estar.

— O que está fazendo em casa, filho?

— Eu preciso encontrar um par de luvas. Acho que o pai tinha um par sobressalente.

— Ele está em seu escritório. Está de mau humor, a manhã toda.

Everett sorriu.

— Eu fui avisado — ele caminhou para o corredor oposto, suas botas batendo contra o chão. Bateu na porta antes de entrar. Seu pai estava sentado atrás de uma pequena mesa, rabiscando números em um livro. Weston fechou o livro e olhou para o filho. — Tudo certo, pai? — perguntou Everett.

Weston tirou os óculos e beliscou a ponta do nariz, jogando os óculos sobre a mesa.

— Os números não estão batendo e não tenho certeza do que está faltando.

Everett encostou-se no batente da porta e cruzou os braços na frente do peito.

— O que quer dizer?

— Só que os números não fecham. Parece que estamos sem vinte novilhos.

— Talvez, eles estejam perto de Mustang Hill. — Mustang Hill não era uma colina, era uma formação rochosa que se projetava do chão. Cavalos selvagens corriam livremente ao redor dos afloramentos de pedra. — Vou até lá com Slim e vejo se podemos encontrá-los.

— Vamos torcer para que estejam lá. Não quero mais problemas neste rancho.

Everett assentiu. Na época em que Owen deveria se casar com Sarah Hartman, o gado começou a desaparecer das fazendas em Flat River. Os Chapmans, perderam quase cem cabeças de gado. Descobriu-se que a família Hartman, estava no negócio com Duke Richards e ele estava organizando o roubo ao longo da linha do rancho. Foi por isso que Sarah deixou Owen no altar. Ela também estava envolvida e fugiu com Duke Richards, do Estado.

Vários anos depois, Duke foi capturado e enforcado por roubo de gado no território do Novo México. Sarah desapareceu, depois disso.

Não que isso importasse para Everett. Não tinha visto os Hartmans, desde aquele dia fatídico do casamento. Se não os visse novamente, estaria tudo bem para ele.

— Eu preciso de um par de luvas. Eu queria saber, se o senhor teria um sobressalente.

Weston recostou-se na cadeira.

— O que aconteceu com o seu?

— O couro estava muito apertado. Eu as dei para Alice.

Seu pai assentiu.

— Há um sobressalente no armário.

Everett caminhou até o armário de canto de madeira e abriu a porta de cima, revelando prateleiras cheias de livros, corda extra e vários pares de luvas de couro. Ele pegou vários pares, combinando-os com suas mãos. Quando encontrou um que se encaixasse, fechou o armário e dirigiu-se para a porta.

— Obrigado, pai. Vou pegar outro par quando chegar à cidade.

Weston não disse nada. Colocou os óculos de volta e abriu o diário mais uma vez. Everett apertou as luvas de couro contra a mão e voltou para fora. Deu um pequeno aceno para Alice, pulou os degraus e rapidamente montou

em sua égua.

Enquanto cavalgava para alcançar o rebanho, podia ouvir os homens gritando e os cães latindo. Cinco cães estavam trabalhando para guiar o rebanho em direção ao pasto sul. Os cães eram aqueles que voltaram com Weston, de Owl Creek. Everett nunca tinha visto cães dessa cor antes. Não eram pretos, nem cinzas. Tinham pelos de cor azul, com grandes cabeças em blocos, corpos finos e pernas muito longas feitas para pular fora do caminho de um novilho.

Ele cravou os calcanhares na lateral de Shadow, incitando-a a se mover mais rápido. Ao se aproximar do grupo, pôde ver que o rebanho estava se movendo em um ritmo muito mais rápido do que ele os teria levado. Os cães estavam circulando, beliscando os tornozelos das feras. Podia ouvir o bufar dos longhorns.

De repente, uma grande nuvem de poeira veio de trás do rebanho e Everett ouviu o ganido de um cachorro.

Ele ouviu a voz de Slim subir na poeira.

— Debandada!

Os cowboys repetiram a palavra, quase dando energia ao rebanho para continuar correndo.

Everett se aproximou por trás, levantando sua bandana para cobrir a boca e o nariz da poeira que subia. Um cowboy chamado, Sawyer estava cavalgando atrás, seguindo o rebanho caso eles fizessem alguma curva repentina. Sawyer veio do Texas e era muito experiente com os longhorns.

— O que aconteceu? — Everett chamou, acompanhando o cavalo de Sawyer.

— Não tenho certeza, chefe. Eles estavam bem em um minuto e no próximo, decolaram como se o próprio diabo os estivesse perseguindo.

De repente, o rebanho virou para o oeste e se dirigiu para as planícies abertas a toda velocidade. Everett podia ver Slim abaixado em seu cavalo indo em direção ao animal líder.

— Acho que ele vai tentar moê-los. Tenha cuidado — Everett chamou, correndo ao redor de Sawyer, e indo para o lado direito do rebanho. Ele viu Slim se movendo em uma posição para transformar o gado em si mesmo em um ato conhecido como moagem. Se Slim, fizesse isso corretamente, o rebanho se reuniria em um círculo e pararia de correr.

O animal líder deve ter antecipado o movimento, pois se virou para o cavalo de Slim e inclinou a cabeça, apontando seu chifre afiado para o cavalo e o cavaleiro. Slim rapidamente desviou o cavalo do longhorn e permitiu que ele passasse. O animal líder mudou de direção várias vezes e continuou em direção à pastagem aberta.

— Slim! — Everett gritou, montando ao lado do homem. — Está tudo bem?

— Sim. Não pegou nada — Slim partiu novamente em direção ao novilho da frente, Everett em seu encalço.

Cowboys estavam cavalcando em ambos os lados do rebanho, seguindo a debandada.

O animal líder deve ter avistado alguma coisa ao longe quando de repente mudou de direção e começou a se dirigir para uma nuvem de poeira que se aproximava rapidamente. À medida que se aproximavam, Everett pôde ver que a nuvem de poeira era uma diligência que estava indo em direção à Flat River.

— Diligência! — Everett gritou, passando por Slim para correr em direção à frente do rebanho. Ele se deitou no pescoço de Shadow, incitando a égua a se mover mais rápido. Podia ouvir os bufos de Shadow, enquanto ela corria com o rebanho. O rebanho mudou de direção mais uma vez. O ar estava cheio de homens gritando, latidos excitados dos cães pastores e bufos do gado.

Eles estavam se aproximando da diligência em um ritmo alarmante.

Everett se inclinou o suficiente para tirar sua pistola de seis tiros do coldre e disparou vários tiros para o ar. O condutor da diligência puxou as rédeas para parar os cavalos, mas não houve tempo suficiente. Os cavalos empinaram enquanto o gado corria na frente deles, fazendo com que a carruagem se dobrasse sobre si mesma. O som da madeira estalando pôde ser ouvido quando a carruagem caiu de volta ao chão.

Ao passarem pela carruagem, Everett pôde ouvir os homens. Sawyer se aproximou da frente do rebanho pela esquerda. O gado estava começando a desacelerar quando a exaustão começou a alcançá-los. Sawyer fez sinal para Everett começar a guiar o novillo líder para o resto do rebanho. Levou apenas alguns minutos para o gado em debandada se acalmar e começar a andar calmamente em círculo.

Os cowboys se reuniram, cavalcando lentamente do lado de fora do círculo para manter o gado contido.

O animal da frente caiu de lado, bufando enquanto soltava seu último suspiro. Os cowboys guiaram o grupo de gado para longe do animal morto.

Everett pulou de Shadow e correu para a fera deitada no chão. Sawyer pulou de seu cavalo também e se juntou a ele, olhando para o animal.

— Seu coração cedeu? — perguntou Everett. Ele nunca tinha visto um animal correr tanto e depois cair daquele jeito.

— Não — disse Sawyer, enxugando a testa com a bandana. — Olhe para a perna.

Everett se ajoelhou e passou a mão pela perna traseira do animal. Estava inchada e ele podia sentir o calor irradiando através da luva de couro. Havia sangue acumulando-se contra a pele. Quando Everett afastou os pelos curtos, pôde ver dois círculos perfeitos.

— Ele foi mordido. Provavelmente uma cascavel — Everett levantou-se novamente e limpou as luvas nos canos de couro enrolados nas pernas. — Explica por que debandaram como fizeram. Também explica por que ele caiu morto. O veneno atingiu seu coração.

— Vamos deixar para os abutres? — perguntou Sawyer.

Everett assentiu.

— Não podemos salvar a carne. Foi envenenada — Ele caminhou de volta para seu cavalo. — Slim — ele chamou. — Leve-os para o pasto, vou verificar a diligência.

Slim tirou o chapéu.

— Vamos! — ele gritou, assumindo a liderança.

— Quer que eu vá contigo, chefe? — perguntou Sawyer.

— Sim. Eu não sei que tipo de ajuda eles podem precisar.

Montaram em seus cavalos e se viraram, trotando de volta para a carruagem.

O que Everett viu colocou mais medo em seu coração do que qualquer cascavel poderia.

Havia uma mulher em um vestido azul brilhante e jaqueta, andando em direção a eles.

Everett podia ouvi-la gritando enquanto caminhava na direção deles. Conforme ela se aproximava, podia sentir a raiva saindo da mulher em ondas.

Ela era uma coisinha. Provavelmente não mais alta do que Alice. Seu chapéu com uma espécie de pena cumprida, estava caindo de sua cabeça. Apenas um grampo ou dois impediu que caísse no chão. Seu cabelo estava em desordem e sua roupa estava coberta de poeira.

Everett podia dizer que ela tinha cabelos da cor do trigo de verão e olhos azuis afiados que brilhavam de raiva. Suas bochechas estavam coradas contra sua pele de porcelana. Elas lembraram Everett, das maçãs crescendo nas árvores do jardim de Marmee. Seus lábios estavam rosados, e sua mandíbula estava apertada.

Quando ela parou diante dos dois cavaleiros, bateu o pé uma vez com raiva.

— Eu exijo que desça desse cavalo neste instante e me diga quem é o responsável por interromper minha viagem!

CAPÍTULO 2



Polly Phillips endireitou as costas, tentando não deixar que os cowboys a vissem tremendo. O solavanco da diligência sacudiu-a profundamente. Mas estava viva.

Agora, estava louca.

Quando o condutor da diligência a ajudou a sair desta, e ela viu o grupo de vacas e homens circulando, sua raiva disparou.

Como eles se atreviam a cruzar um rebanho de gado no que parecia ser a única estrada em quilômetros? A viagem de seis dias levou quase dez, após o trem quebrar. Das cidades para onde foram transportados, apenas uma tinha telégrafo e, infelizmente, estava quebrado. Ela não tinha como enviar uma mensagem para Ellie dizendo que estava chegando atrasada.

Felizmente, sua amiga foi capaz de descobrir quando chegaria.

Polly, conseguiu uma passagem de diligência de uma cidade, cujo nome, não conseguia lembrar, para Grand Platte. Foi empurrada na carruagem com vários homens, mulheres e crianças que não tomavam banho há semanas. Felizmente, havia água de lavanda suficiente em uma garrafa que ela mantinha em sua bolsa, para manter seu lenço com um cheiro agradável. Uma vez que chegou em Grand Platte, teve que esperar a noite pela diligência, para levá-la a Flat River.

As pessoas, ela descobriu, não vinham com frequência a essa pequena cidade no Oeste de Nebraska. Normalmente, uma diligência viajava duas vezes por mês para a pequena cidade, e apenas se alguém estivesse precisando de uma carona. Para que tipo de cidade Ellie se mudou?

Certamente, o cenário era espetacular. Prados exuberantes espalhados, com árvores exibindo folhas em cores nítidas de outono. Penhascos escarpados erguiam-se do chão; alguns cobertos com grama verde e manchas nevadas e outros simplesmente rochas irregulares. A carta de Ellie, não tinha captado toda a beleza do que Polly estava vivenciando. Viu búfalos, cavalos selvagens e gado até onde a vista alcançava. Se estivesse em um estado de espírito melhor, poderia ter apreciado mais.

Ao invés disso, estava cansada e irritada. Seu braço doía por bater na parede da carruagem quando os cavalos empinaram, e estava tremendo em suas botas enquanto olhava para os dois cowboys a cavalo.

O que ela daria por uma xícara de chá quente, um banho quente e uma

cama.

Os dois cowboys olharam para ela. Um era mais velho, empoleirado em cima de um cavalo da cor do couro mais macio. Não estava usando um chapéu e seu cabelo loiro, escovava seus ombros. Polly ficou surpresa por ele não estar usando chapéu, pois Ellie mencionou que todos os usavam no rancho. Stetsons, ela os chamava. Ele não tinha uma jaqueta, e as mangas de sua camisa estavam enroladas até os cotovelos revelando cabelos escuros em seus antebraços. O segundo cowboy estava montado em um cavalo cinza escuro com focinho branco.

— Quem é o responsável por isso? — ela perguntou, cruzando os braços sobre o peito.

O cowboy no cavalo escuro se inclinou para frente em sua sela, cruzando os braços sobre o chifre desta. Ele empurrou o chapéu para trás revelando olhos da cor de um doce de chocolate. Seu cabelo era de um castanho escuro, e Polly podia dizer que estava cortado curto, rente a cabeça. Tinha bochechas cheias e um queixo pontudo, com uma mecha de pelos acima do lábio. Ele olhou para Polly com aqueles olhos profundos e o tremor diminuiu, transformando-se em palpitação em seu peito. Ela colocou os dedos sobre o coração e deu um passo para trás, o calcanhar preso na bainha da saia. Pulando para soltar a bota, ela se virou para olhar para o homem novamente. Seus olhos se enrugaram e ele soltou uma leve risada ao vê-la pulando.

Polly endireitou a coluna e escovou a saia. Estendeu a mão para alisar o cabelo e percebeu que seu chapéu tinha caído para o lado. Seu coque estava caindo dos grampos e ela sentiu um cacho rebelde tocando seu ombro. Tentou ajustar seu chapéu, mas só conseguiu fazer com que seu cabelo escorregasse ainda mais por baixo dele.

Ela fechou os olhos, deu um pequeno suspiro e contou até cinco. Foi um truque que aprendeu na elegante escola para moças que seu pai insistiu que ela frequentasse em Atlanta. Abriu os olhos e estendeu a mão para remover o chapéu. A pena gigante, que estava na moda em Atlanta, parecia muito deslocada agora. Fez cócegas em sua pele e ela arrancou o broche do chapéu. Colocando o chapéu debaixo do braço, rapidamente prendeu o cabelo no lugar. Ainda estava bagunçado, mas pelo menos não estava caindo.

Ela passou os dedos pelo chapéu, mas não sentiu o alfinete. Suspirando alto, colocou o chapéu de volta debaixo do braço e se virou para os homens na frente dela.

— Bem? — ela bateu o pé com impaciência.

O cowboy mais jovem sentou-se na sela.

— Acho que seria eu. A senhora está bem?

— Eu pareço bem? — a voz dela estava começando a soar aguda. — Acabei de ver minha vida passar diante dos meus olhos. Certamente, não era o que eu esperava ver, mas eu tive uma grande provação. — Polly olhou em volta para a paisagem. Ela podia ver as vacas caminhando lentamente em direção a um grande pasto ao longe. Um grande animal estava deitado no

chão.

— Senhora, eu sinto muito.

Polly ignorou o jovem. Ela se virou para o mais velho e perguntou:

— O senhor, é o dono deste rancho?

— O senhor é o dono deste rancho? — Ela repetiu a pergunta, gesticulando com a mão.

— Não, senhora. Eu apenas trabalho.

Ela se virou para o homem mais jovem.

— Acho que, o senhor trabalha aqui também?

— Sim, senhora.

Polly deu uma fungada delicada.

— Bem, eu não vejo nenhuma razão para que suas vacas...

— Longhorns, senhora — corrigiu o cowboy mais velho.

— Elas ainda são vacas — ela agarrou as pontas de sua jaqueta e puxou-a para baixo, balançando suavemente enquanto olhava para eles. — Eu não vejo nenhuma razão para que seus... longhorns — deu um olhar aguçado para o cowboy mais velho, — estarem tão perto da estrada. Tenho certeza de que o dono do rancho ficaria bastante desapontado ao descobrir que tem longhorns, vagando *livremente*. Ela esticou a palavra para dar ênfase.

O cowboy mais jovem revirou os ombros.

— Talvez, a senhora, não devesse estar invadindo.

— Invasão? Deixe-me assegurar-lhe, cowboy, eu não estava invadindo.

— Então, por que a diligência está passando por nossa terra?

Polly levantou uma mão enluvada. Suas luvas eram brancas quando ela saiu de Atlanta, agora pareciam beges de toda a poeira da viagem.

— Eu não quero ouvir. Só quero saber quem vai me levar pelo resto do caminho até Flat River. É sua culpa que aqueles animais estavam em nosso caminho.

— É culpa do condutor, a senhora estar vindo por aqui.

O condutor se aproximou.

— Ev, desculpe por ter que cortar.

— Joshua — o homem chamado Ev tirou o chapéu. — O que está acontecendo?

— Parece que a ponte se moveu naquela enchente alguns dias atrás. O xerife estava em Grand Platte e mencionou isso. Disse que ia avisá-lo que estávamos cortando caminho.

— Ele deve ter esquecido.

Joshua esfregou a nuca.

— Isso não soa como, Briggs. Não tenho certeza do que vou fazer.

— Vou chamar alguns homens para ajudar com a carruagem — disse Ev.

— Vá até o celeiro. Sabe que tem café quente no fogão.

— Quanto tempo vai levar? — perguntou Polly.

Ela observou, enquanto ele tirava as luvas de couro e as enfiava no bolso.

— Não sei. Pode demorar um pouco.

Polly bateu o pé.

— Isso é inaceitável. Eu preciso chegar à cidade imediatamente.

— Comece a andar nessa direção — ele apontou para a estrada. — Continue por cerca de cinco milhas e estará na cidade.

— Eu exijo que o senhor, me leve para a cidade.

— Senhora —, ele começou novamente — eu tenho que levar o rebanho para o pasto sul. Então, não posso lidar, com a senhora e a diligência. Mas no momento, a senhora pode ir para o celeiro. Tot tem café. Tenho certeza de que uma xícara de café vai ajudar.

— Não tenho intenção de sentar-me em um celeiro, tomando café — Polly bateu o pé novamente. — Eu gostaria de saber seus nomes, por favor.

— Nossos nomes? — O homem mais jovem se mexeu na sela.

— Sim. Assim, posso relatar seu comportamento ao dono deste rancho.

— Eu não acho...

— O senhor, está certo. O senhor, não pensou — ela podia sentir o cabelo caindo mais uma vez. — Tem sorte por ser só a diligência que está quebrada. Poderia ter matado alguém.

— Mas nós não matamos — respondeu Ev.

— Mas poderia tê-lo feito.

— Senhora, eu tenho que voltar para o meu gado. Estarei de volta em breve para levá-la à cidade.

— Mal posso esperar... — Polly disse.

— Senhora...

— Não! — ela apontou o dedo no ar em direção ao cowboy. — O senhor, fez isso. O mínimo que pode fazer é me levar para a cidade.

Ela viu Ev, suspirar. Ele se virou para o homem mais velho.

— Voltarei assim que puder. Consiga alguns homens para ajudar a consertar a diligência.

— Claro, chefe.

Polly observou o cowboy mais velho se virar e chutar seu cavalo em um galope em direção ao rebanho.

O homem de olhos castanhos olhou para ela. Pensou que ele ia dizer alguma coisa, mas, ele apenas aproximou o cavalo e lhe estendeu a mão. Polly olhou para seu rosto bonito por um momento antes de seus olhos descerem para a mão acenando na frente dela.

— O quê?

— A senhora, queria ir para a cidade. Suba nas costas.

Polly deu um passo para trás.

— Eu não vou.

— Ouça, senhora — ele puxou a mão para trás. — A senhora, me tirou do meu rebanho e dos meus homens, então ou monta este cavalo ou eu vou jogá-la sobre o meu joelho e irá cavalgar dessa maneira.

— Bem, nunca montei!

O homem passou a mão pelo rosto.

— Tenho certeza disso — ele finalmente disse. A diversão em seus olhos se transformou em aborrecimento. — Eu não sei como chegará, então. — Ele virou o cavalo para sair. — Vou enviar alguns homens em breve.

— Espere! — Polly o chamou. Estava pronta para chorar. A excitação estava começando a passar e ela só queria desmoronar no chão. Seu braço estava começando a latejar. O cavaleiro virou-se para olhá-la. — O senhor, não tem uma carroça ou algo assim? Meus baús ainda estão em cima da carruagem.

— Eu posso te levar para a cidade. Não vou levar sua bagagem.

— Não posso andar às suas costas. Não parece que eu possa sentar-me de lado atrás, e seria muito inapropriado levantar minha saia para sentar-me montada.

— Poderá vir na frente.

Polly ficou lá por um momento e então deu um aceno curto.

— Deixe-me pegar minha bolsa.

O homem a seguiu até a carroça. Ela o ouviu falar com o condutor da diligência quando, se inclinou para pegar sua pequena bolsa.

— Sinto muito pela carruagem, Joshua. Sawyer foi buscar alguns homens e eles consertarão tudo rapidamente.

— Hoje foi muito emocionante. Não estava esperando uma debandada em cima de mim. O que acha que causou?

— O novilho principal foi mordido por uma cascavel. Disparou e o resto o seguiu.

Joshua olhou para o animal morto.

— Sinto pelo animal. Mas estamos bem. Agradeço a ajuda para consertar o eixo. E eu vou pegar uma xícara de café.

Polly enfiou a cabeça para fora da janela.

— O senhor, irá providenciar para que minha bagagem seja entregue na cidade?

O condutor da diligência assentiu.

— Sim, senhora. Vou garantir que chegue lá. Poderá buscá-la na estação de carruagens.

Ela desapareceu de volta na carruagem e juntou os poucos pertences que se espalharam no banco quando o veículo saltou. Não queria deixar os objetos de valor que estavam em sua bolsa lá, então decidiu que levaria sua mala e sua bolsa para a cidade. Os baús estavam trancados e não havia como alguém mexer neles.

Quando terminou, fechou a bolsa e desceu da carruagem. O homem com os olhos cor de chocolate, estava agora parado ao lado do condutor da diligência. *Ev.* O condutor o chamou de *Ev.* Deve ser abreviação para alguma coisa.

— Preparada? — ele perguntou, estendendo a mão. Polly assentiu e deslizou a mão na sua. Seus olhos se fixaram nos dele, enquanto ela sentia o calor de sua mão através de sua luva de seda. — Eu ia levar sua bolsa — disse ele, seus lábios se curvando em um leve sorriso.

Polly puxou sua mão da dele.

— Oh, minhas desculpas — ela murmurou. Calor inundou suas bochechas quando passou a bolsa para ele. Everett a entregou ao condutor e voltou-se para Polly.

— Vamos colocá-la no cavalo. Shadow, para baixo — ele chamou a égua.

Esta, deu uma bufada e abaixou as patas dianteiras, mantendo as patas traseiras erguidas.

— Ele se ajoelha?

— Ela ajoelha.

— Ah... acho que penso em todos os cavalos como machos — Polly deu uma risadinha nervosa. — Eu nunca vi um cavalo fazer isso antes.

— Temos uma família vivendo no fim do caminho. Há quatro garotinhas. Elas não são altas o suficiente para usar um estribo, mas podem subir se ela estiver ajoelhada. Levou cerca de três meses para ensiná-la.

— Ela não vai me derrubar quando se levantar, vai?

O cowboy balançou a cabeça.

— Não, ela não vai. Vou me certificar, para que não caia. Já cavalgou antes?

Polly balançou a cabeça.

— Não. Eles estavam sempre ligados a alguma coisa. Uma carroça ou uma charrete. — Ela se aproximou do cavalo. — Como eu faço?

— Sente-se de lado na sela e enrole a perna ao redor do chifre. Isso evitará que caia.

Assim que ela se sentou no cavalo, Shadow se levantou, fazendo Polly balançar no banco. O cowboy estava bem ali, com as mãos no braço e na perna para segurá-la no lugar.

— A senhora, está firme?

Polly assentiu. Ele a soltou e lhe entregou sua bolsa. Montou atrás dela e pôde sentir seus braços se estendendo para tomar as rédeas. Ele deu um assobio e o cavalo se virou para a estrada que levava na direção que o homem havia apontado apenas alguns momentos antes.

Polly segurou firmemente sua bolsa, tentando manter o equilíbrio. Ela tentou avançar enquanto o calor do homem bonito a aqueceu através de suas roupas de viagem. Era difícil se mover, pois a parte de trás de sua saia estava enrolada no chifre da sela. Podia sentir o couro duro, cortando sua perna.

— Pare de se mexer — seus braços se apertaram ao redor dela. Polly congelou quando as palavras encheram seus ouvidos. Ele estava ainda mais perto do que pensava. Ela sentiu a respiração dele contra seu pescoço.

— Por favor, afaste-se — ela sussurrou.

— Não há para onde ir. Eu não vou lhe machucar. Apenas relaxe — ele afrouxou os braços. Deu um leve assobio e o cavalo começou a trotar. — De onde, a senhora veio?

— Por quê?

— É sempre tão difícil? — era simplesmente uma pergunta. — Não

reconheço seu sotaque.

Polly se mexeu um pouco para olhar para ele. Podia ver seus olhos de perto agora. Eles não eram tão escuros quanto pareciam, quando estava olhando para ele à distância. Ainda tinham um lindo tom de marrom, mas ela podia ver manchas verdes neles. Seus lábios estavam pressionados enquanto ele olhava para ela.

— Eu sou da Geórgia. — Ele assentiu, mas não disse nada. Suas palmas estavam suadas, enquanto ela agarrava sua bolsa. — Eu nunca estive neste oeste selvagem antes.

— Poucas pessoas viajam para cá. Flat River é uma cidade pequena. A senhora, tem negócios lá?

— Não. Apenas visitando uma amiga — Polly se virou e relaxou. — Qual é o seu nome verdadeiro?

— Como?

— Ouvi o condutor lhe chamar de Ev. Isso é um diminutivo para alguma coisa, ou seus pais foram preguiçosos em escolher um nome?

— Quero que saiba que meu nome significa corajoso.

— Isso ainda não me diz qual é o seu nome.

— Everett.

— Isso é muito melhor do que Ev.

— Eu acho.

Polly começou a se mexer na sela.

— Não é muito confortável assim.

— A senhora, pode se inclinar para trás.

— Eu não acho.

— Eu lhe disse que não tenho intenção de fazer nada. Sua reputação, está perfeitamente segura comigo.

— Eu não estava preocupada com minha reputação. Eu estava mais preocupada com seus braços em volta de mim.

— Bem, eu não posso afrouxá-los mais, ou vou parecer o espantalho no jardim da viúva Baker.

Polly olhou para a paisagem. Havia um grande riacho fluindo sob uma ponte de madeira.

— Para onde isso vai?

— Corre para o Rio Flat.

— O senhor, mencionou que estava movendo gado.

— Longhorns, especificamente.

— Eu não sabia que tinham isso tão ao norte.

— Eles acabaram de chegar. Vieram do Texas.

— É uma grande distância.

— Eu acho que é. Leva quase três meses, para trazê-los para cá.

— O senhor, tem sido cowboy por muito tempo?

— Sim, senhora. Toda a minha vida. A pecuária está no meu sangue.

— Minha amiga veio aqui para se casar. Ela me escreveu uma carta

dizendo, que este era o lugar mais bonito do mundo.

Everett riu.

— Eu acho que é.

— Não temos espaços abertos em Atlanta. Tudo está lotado e tão ocupado. Não sei como me adaptaria à vida aqui.

— É uma vida dura por aqui. Ainda bem que a senhora, está apenas visitando. Planeja ficar muito tempo?

— Só o tempo suficiente para ter certeza de que minha amiga está feliz. Se ela não estiver, vou me certificar de levá-la de volta para casa. — Polly se mexeu na sela mais uma vez. Ela sentiu os braços de Everett apertarem ao seu redor. Rapidamente estendendo a mão para se equilibrar, seus dedos se curvaram ao redor do antebraço de Everett. Sua respiração engatou quando ela sentiu seus braços flexionando sob seus dedos.

Ele deve ter ouvido, porque parou o cavalo e deslizou para o chão.

— Chegue para trás.

— Para quê?

— Eu andarei.

— Não pode fazer isso?

— Posso fazer o que quiser — ele balançou sua cabeça. — Eu deveria ter pegado outro cavalo no celeiro.

— O senhor, é sempre tão inflexível?

Everett olhou para ela.

— O que quer dizer com isso?

— Significa que, o senhor não cede.

— Senhora, eu cedi o suficiente para deixar meu trabalho e garantir que chegue aonde quer que esteja indo.

— Eu não entendo o que Ellie Beth...

— Ellie Beth?

Polly se mexeu na sela.

— Sim.

— A senhora, vai visitar Ellie Beth?

Polly revirou os olhos.

— Eu já disse que sim.

Everett chutou a terra com a bota.

— Qual é o sobrenome dela?

— Brooks. Por quê? A conhece?

— A senhora, diz que vai tentar convencê-la a voltar para casa?

— Eu preciso ver por mim mesma se ela está realmente tão feliz quanto deixou transparecer. As cartas que ela escreveu pareciam boas demais para serem verdade.

— Deve ser Polly.

Polly levou a mão ao peito.

— Como sabe meu nome?

— Ellie, está com minha família. Ela está noiva do meu irmão, Owen.

Bem-vinda ao Rancho Chapman.

CAPÍTULO 3



Polly estava andando de um lado para o outro no quarto que dividiria com Ellie até o casamento. Ellie estava sentada em uma cadeira de madeira observando sua amiga andar.

— Eu juro Elenore, esse homem, é o homem mais irritante que eu já conheci.

Ellie riu.

— O que aconteceu? Ele não caiu aos seus pés?

Polly parou de andar e olhou para sua amiga mais querida.

— Isso é duro. Eu não estava pedindo para caísse aos meus pés.

— Estava exigindo que ele largasse tudo e a levasse para a cidade.

— Como deveria! Aquela diligência foi danificada por causa daqueles... daqueles... longhorns. — Ellie estava realmente rindo agora. — Do que está rindo? — Polly perguntou

Ellie se levantou e passou os braços em volta de Polly, dando-lhe um abraço.

— Sua boba. Escute a si mesma. Esses longhorns.

— Eu tive um grande susto, Elenore — Polly bateu o pé no chão duro. — Pensei que de todas as pessoas, você estaria do meu lado.

— Não estou do lado de ninguém. Foi uma provação terrível para passar. Mas graças a Deus, não se machucou — Ellie sentou-se na beira da cama. — Tenho certeza de que Everett estava genuinamente preocupado e agradecido por você estar bem. Há algo extremamente perigoso em um rebanho em debandada — Ela deu uma risadinha. — Ou um touro atacando.

— Touro atacando? — Polly foi se sentar na cadeira que Ellie havia desocupado momentos antes.

— Eu não devo ter escrito sobre isso. Foi alguns dias depois que cheguei aqui. Eu estava indo até o riacho para ler. Há um pequeno local encantador com um banco, logo abaixo das árvores. Bem, eu não sabia muito sobre o terreno do rancho. Na verdade, eu não sabia nada além de que esta é a casa e onde estavam os dois celeiros.

— Aonde quer chegar com isso, Ellie?

Ellie juntou as mãos.

— Eu estava indo para o riacho. Vi que a maneira mais fácil de chegar lá, era através desse grande campo. Dei até um passo para ultrapassar o arame.

— Por que o campo foi cercado por arame?
— Irá fazer uma pausa longa o suficiente para eu terminar a história? Paciência não é sua virtude. Deveria trabalhar nisso — Ellie deu a sua amiga um sorriso.

— Continue, então — Polly insistiu.

— Decidi atravessar o campo e estava na metade do caminho quando este enorme touro começou a atacar-me.

Polly mexeu-se no banco e colocou as mãos nos joelhos.

— Que assustador.

— Fiquei apavorada. Por sorte, Owen me viu e veio correndo pelo campo e me pegou em seu cavalo.

— Que romântico! — Polly cantarolou. — Não é à toa que se apaixonou.

— Na verdade, eu estava tão chateada que gritei. Acho que ele só me beijou para me manter quieta.

— Bem, ninguém me beijou — Polly insistiu. Ela viu Ellie franzir a testa.

— O quê?

— Gostaria de ser beijada?

— Por Everett? — Polly zombou. Ellie assentiu. — Ele é a última pessoa que eu gostaria que me beijasse.

— Eu não disse Everett. Você disse que Sawyer estava lá também.

— Bem, eu também não queria ser beijada por ele.

Ellie deu uma risada leve.

— A senhorita, protesta demais, eu acho.

Antes que Polly pudesse responder, uma batida soou na porta, e uma jovem de cabelos loiros enfiou a cabeça por ela.

Alice.

— Entre — Ellie pediu.

— Everett está com seu baú. Está tudo bem trazê-lo?

Polly se levantou e tirou a cadeira do caminho.

— É claro — Alice abriu a porta e caminhou até Polly. Everett e um jovem de cabelo ruivo entraram carregando o baú. — Pode simplesmente deixá-lo aí — disse Polly, apontando para o final da cama.

Com um grunhido, Everett deixou cair sua ponta no chão. O baú bateu no chão com um baque.

— Everett! — disse Alice. — Isso foi rude.

Everett passou os dedos pelo cabelo.

— Bem, isso está pesado — ele se virou para olhar para Polly, seus olhos escuros estudando-a. Polly sentiu suas mãos ficarem úmidas e se virou para desviar o olhar. — Parece-me, senhorita Phillips, que fez as malas para uma estadia mais longa do que apenas para um casamento.

Os olhos de Polly encontraram os dele. Ela abriu e fechou a boca algumas vezes tentando formar as palavras. Finalmente, ela deixou escapar a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Bem, talvez eu não vá embora. Talvez, eu encontre um marido aqui e

fique.

Ela ouviu Ellie e Alice rindo atrás dela, e Polly sentiu suas bochechas começarem a corar.

— Tenho certeza de que a senhorita, não terá nenhum problema com isso, Srta. Phillips — o homem de cabelo ruivo tirou o chapéu e o segurou contra o peito. Polly podia ver que ele era jovem. Muito mais jovem do que ela pensava inicialmente. Ele tinha a pele pálida e seu rosto estava coberto de sardas. — Devo dizer que, a senhorita é a coisa mais bonita que já vi, vir para Flat River — percebendo o que tinha dito, imediatamente se virou para Ellie.

— Exceto pela senhorita, Srta. Brooks. A senhorita, acredita em mim, não é?

Ellie estava se esforçando para não rir do jovem.

— Claro, Rich. Em cada palavra.

Rich colocou o chapéu de volta na cabeça.

— Isso é muito bom, senhorita.

— Vamos — disse Everett. Sua voz era áspera quando ele cuspiu as palavras.

— E o meu outro baú? — Polly disse, sua voz soando tão doce quanto ela poderia fazer.

Everett usou o polegar para indicar a grande sala.

— Está lá. Pode carregá-lo sozinha, já que é menor do que este.

Polly ofegou e se virou para ver sua amiga Ellie abaixar a cabeça rapidamente e fingir interesse em um objeto invisível no chão.

— Senhorita Phillips —, Rich disse seguindo em frente. — ficaria mais do que agradecido se a senhorita me deixasse ajudá-la a movê-lo.

Polly silenciosamente contou até cinco antes de dar o maior sorriso que pôde.

— Obrigada, mas eu consigo.

— Bem, então, uhm, eu estava pensando... — ele fez uma pausa, esperando Polly deixá-lo continuar. Ela deu um pequeno aceno de sua mão. — A senhorita vê, há uma celebração da colheita em duas semanas. Eu estava me perguntando se eu poderia acompanhá-la até lá?

— Ela pode não estar aqui então — Everett interrompeu. — Ela estava apenas planejando ver o que é o quê, e depois, voltar para casa.

Polly franziu a testa. Aonde Everett estava indo com isso? Ela se voltou para o jovem ajudante do rancho.

— Se eu não tiver outras obrigações, definitivamente precisarei de uma escolta para o baile — ela viu Rich sorrir e Everett franzir a testa. — É como uma dança de celeiro? Eu li sobre isso em um dos meus romances baratos. Vamos ver o que acontece mais perto da comemoração, certo? — Ela engrossou seu sotaque sulista enquanto as palavras rolavam de sua língua.

— Certamente vou verificar com a senhorita, Srta. Phillips — disse o jovem cowboy.

— Rich, vamos — Everett insistiu. Quando o jovem não fez nenhuma tentativa de se mover, Everett rosnou: “Agora”.

Rich colocou o chapéu de volta e seguiu Everett, dando um pequeno aceno para as mulheres.

Polly fechou a porta, encostando as costas no batente de madeira. Podia ouvir Everett e Rich conversando animadamente enquanto seguiam pelo corredor. Fechou os olhos e levantou a cabeça para o teto, contando até cinco mais uma vez. Quando ela abriu os olhos, piscou algumas vezes e viu Alice olhando para ela com curiosidade. Ela virou os olhos para Ellie, que não conseguia mais segurar o riso e explodiu em gargalhadas altas.

— O que foi, Elenore Elizabeth? — perguntou Polly.

Isso só fez Ellie rir ainda mais.

— Oh, meu Deus! — ela finalmente disse, usando a ponta do avental para enxugar os olhos. — Eu realmente acho que protesta demais, Polly.

Polly colocou o nariz no ar e se afastou da porta para caminhar até o malão.

— Eu não sei do que está falando — ela rapidamente destravou o baú e abriu a tampa. — Depois de me limpar e trocar minhas roupas de viagem, por que não passamos pelo outro baú e posso mostrar todas as roupas de casamento que sua mãe enviou?



Depois de uma rápida lavagem e troca de roupa, Polly foi procurar Ellie. Ela entrou na grande sala e rapidamente olhou ao redor. Era realmente, excepcionalmente grande. Ellie havia aludido ao grande tamanho da sala, mas não havia palavras que pudessem descrever adequadamente a grande sala.

Polly sabia que ali era a casa principal, que provavelmente consistia nessa grande sala. Ellie disse que, à medida que as crianças nasciam, os Chapman simplesmente acrescentavam corredores e salas, saindo da grande sala como raios de carroças. Ellie e Polly estavam dividindo um quarto, ocupado por uma das irmãs Chapman. Qual delas, não tinha certeza. Ela sabia que não era o quarto de Alice, porque Alice estava dormindo em outro quarto. Havia também quatro irmãos. Polly se perguntou onde eles dormiam.

Seus olhos rapidamente percorreram a sala, absorvendo tudo. O Oeste era tão diferente de Atlanta. Para começar, a casa e os móveis. Tudo em Atlanta, foi feito por mestres marceneiros. A maioria dos móveis reproduzia os estilos que ainda eram populares no exterior.

Mas no Oeste, tudo era simplesmente... enorme.

Uma grande mesa com uma dúzia de cadeiras se projetava da parede oposta em direção ao centro da sala. Cadeiras de madeira de tamanhos variados, foram colocadas em torno dela. Uma toalha de mesa com bordas de ilhós decorava a mesa, assim como uma pilha de pratos, uma jarra e talheres.

Do outro lado da mesa havia uma grande lareira de pedra. Polly, ofegou. Ela nunca tinha visto uma chaminé tão alta. As pedras se destacavam contra os troncos de madeira da sala.

De um lado havia várias cadeiras e um grande sofá. O chão, era decorado com tapetes trançados feitos de tiras de tecido. Uma jarra cheia de flores secas, estava sobre uma mesinha. Do lado oposto havia um grande fogão de

ferro com várias panelas fervendo sobre as chamas.

Sra. Chapman, estava ocupada colocando uma frigideira no forno. Ela segurou a panela com o avental para não queimar os dedos. Uma vez que a panela estava dentro do compartimento do forno, ela fechou a porta e passou as mãos pelos quadris, tentando se livrar do calor ardente.

— O que quer que a senhora, esteja cozinhando tem um cheiro maravilhoso — disse Polly.

A mulher pulou e apertou a mão contra o coração.

— Oh, meu Deus, me deu um susto.

— Desculpe, eu não queria.

Sra. Chapman riu. Isso lembrou Polly dos pássaros cantando no parque.

— Eu sei que não, querida. Eu só pensei que iria direto para fora e ficaria com Ellie.

— É lá que ela está?

Sra. Chapman assentiu.

— No alpendre. Ela está tirando o feijão para o jantar de amanhã.

— Há algo que eu possa fazer para ajudar?

Sra. Chapman piscou os olhos, como se assistência fosse um conceito recém-descoberto.

— Não. Estou bastante bem.

— Que tal pôr a mesa?

— Honestamente querida, não. Não veio aqui para trabalhar. Vá passar um tempo com Ellie — Sra. Chapman voltou-se para o fogão e levantou a tampa de uma das panelas, mexendo o conteúdo.

Polly caminhou até a varanda e encontrou Ellie, sentada no balanço, quebrando feijões e jogando-os em um forno holandês no chão de madeira.

— Aqui está — disse Polly. — Gostaria que eu a ajudasse?

Ellie balançou a cabeça.

— Estou no ritmo. — Polly observou enquanto sua amiga pegava um feijão, quebrava as duas pontas e os colocava em uma tigela e depois partia o feijão em dois pedaços menores antes de jogá-los na panela de ferro fundido. Ela pegou outro feijão e o usou para apontar para o outro lado da varanda. — Pegue uma cadeira e venha se sentar comigo.

Polly pegou a cadeira e a colocou longe o suficiente para não interromper o fluxo de Ellie, mas poderia ver o rancho à sua frente. Ela ouviu risos e cachorros latindo, vindo do celeiro. Era muito diferente do latido que escutara antes, enquanto os cães perseguiram o gado pela estrada.

— Isso soa como alguns cães — disse Polly. Ela não tinha nenhum animal em casa. Sua mãe achava que cachorros, eram um incômodo imundo. Quando Polly pediu um gatinho, sua mãe disse que gatos eram dez vezes mais sujos que cachorros e a resposta foi, não. Como filha única, realmente queria algo para brincar e amar. Algo próprio.

— Acho que Caleb encontrou cinco filhotes no Texas. O Sr. Chapman os trouxe para casa.

— Onde ele está?

— Senhor Chapman ou Caleb? — Ellie não esperou por uma resposta. — Sr. Chapman, provavelmente está no celeiro ou no campo. Caleb está em Owl Canyon. Pelo que Owen disse, ele machucou a perna e precisa ficar lá, por um tempo.

— Cinco filhotes. É um número bastante grande.

Ellie assentiu.

— Coisinhas preciosas. Eu nunca vi nada como eles.

— Não parecem cachorros?

— Eles são definitivamente cães, mas são da cor azul.

— Cães azuis? — Polly se levantou e se inclinou na ponta dos pés esperando ver um cachorro azul. — Eu gostaria de ver um desses.

— Vou levá-la ao celeiro, após o jantar. Eu não sei quantos estão lá, já que Everett e Sawyer estão trabalhando com alguns deles nos campos.

— Sawyer? Ele é o homem mais velho que conheci antes? Eu não posso manter o nome de todo mundo em ordem.

— Sawyer não é tão velho assim.

— Ele tem cabelos grisalhos.

— Não grisalhos. Mais claros por causa do sol.

— Quantos anos acha que ele tem? — Polly perguntou, olhando para Ellie.

Ellie fez uma pausa e deixou cair o feijão na panela.

— Eu diria que ele é um pouco mais velho que, Caleb. Talvez vinte e nove ou trinta.

— Isso não é muito velho.

— Muito velho, para quê?

Polly balançou a cabeça, seus cachos loiros balançando contra seus ombros.

— Nada. Eu só estava pensando.

Ellie parou de quebrar feijões.

— O que está pensando?

— Bem, mencionou sobre eu encontrar um marido, enquanto estou aqui

— Os olhos de Polly examinaram o quintal mais uma vez. — E certamente há alguns bons de se olhar.

— Polly! Acabou de chegar!

Polly sentou-se na cadeira e pegou um feijão verde, estudando-o entre os dedos.

— Certo. Vou esperar até amanhã. Ficarei aqui apenas algumas semanas e depois voltarei para casa.

— Algumas semanas? Isso significa que partirá logo após o casamento. — Everett subiu os degraus e foi até a bomba d'água na lateral da varanda.

Quanto ele tinha ouvido? Polly ficaria mortificada se ele tivesse ouvido seus pensamentos. Não havia segredos entre Ellie e ela, mas um estranho? Teria que ser cautelosa, sobre o que dissesse no futuro.

Ela olhou através da varanda e sua boca ficou seca. Sua língua parecia ter

inchado três vezes o tamanho normal. Everett havia tirado o chapéu e estava debruçado sobre a bomba. Sua camisa de linho apertada em seus ombros, revelando costas muito musculosas. Ela engoliu em seco e seus dedos alcançaram seu colarinho. Quando ficou tão quente em outubro?

Everett colocou água nas mãos e molhou o cabelo. Usando as mãos molhadas, ele esfregou o rosto antes de esfregar a nuca. Quando terminou, lavou as mãos sob a bomba e limpou-as na camisa. Mãos molhadas, deixaram marcas de palma enlameadas contra a camisa empoeirada.

Ele se aproximou e se abaixou, pegando um feijão verde da panela. Colocando-o na boca, ele o mastigou ruidosamente.

— O que as senhoritas, irão fazer esta tarde?

Polly não pôde responder. Ela sentiu os olhos de Ellie perfurando-a.

Finalmente, Ellie falou.

— Eu estava contando a Polly sobre os cachorros.

Everett ergueu a sobrancelha.

— Estava?

Polly limpou a garganta.

— Sim, eu esperava vê-los mais tarde.

Everett olhou para ela e depois para o celeiro.

— Então, irá se decepcionar. Eles estão no campo com os longhorns. Estamos treinando-os e eles não podem se distrair.

— Oh — Polly se perguntou, por que as palavras de Everett doíam. Ela entendeu que os animais do rancho eram animais de trabalho, mas ainda assim... a forma como o desdém escorria de seus lábios. Polly gostaria de saber, se ele teria alguma qualidade redentora.

— Já descobriu se Ellie está feliz aqui, ou vai convencê-la de que ela não pertence a este lugar?

— Sim, Sr. Chapman, a estou interrogando neste exato minuto.

— Meu irmão a ama. Ela pertence aqui — ele escolheu outro feijão. — A senhorita, no entanto, nunca conseguiria chegar até aqui.

Polly sustentou seu olhar, nunca vacilando.

— Me observe.

Everett parou por um momento, um lampejo de emoção irreconhecível passou por seu rosto e logo desapareceu. Ela o ouviu murmurar algo baixinho enquanto dava meia-volta e entrava na casa.

— Sobre o que foi tudo isso?

— Oh. Eu apenas disse a ele que não teria escrúpulos em levá-la de volta para Atlanta comigo, se não estivesse feliz.

— Eu não vou a lugar algum.

Os olhos de Polly não saíram da porta.

— Eu sei.

Ela sentiu a mão de Ellie apertar seu ombro.

— Não se preocupe com ele.

— Eu não, irei. Ele não se importa nem um pouco comigo, e eu estou

perfeitamente bem com isso.

— Então o que há de errado?

Polly se virou e olhou para a amiga. Ela enxugou uma lágrima do olho.

— Não sei. Acho que só estou cansada. Vou me deitar após o jantar. Tem sido uma longa jornada.

Ellie olhou para sua amiga como se não acreditasse nela, e então voltou sua atenção para a porta, pela qual Everett simplesmente desapareceu.

— Ev, tem uma tremenda pressão sobre ele agora.

— Ev? Chama seu futuro cunhado pelo apelido; está aqui, tirando feijão como um cozinheiro contratado, vestindo uma capa como eu nunca vi.

— É um avental.

— Eu sei que é um avental. Eu nunca teria, em meus sonhos mais loucos, esperado vê-la assim. Parece que, pertence a este lugar.

— Sinto que pertenço.

Polly estendeu a mão e pegou as mãos de Ellie.

Ela respirou fundo e olhou para a paisagem mais uma vez. Era fácil ver por que, Ellie se apaixonara por aquela terra. Era exuberante até onde a vista alcançava.

As árvores à beira do rio estavam começando a mudar de cor. Era como se um artista descesse do céu, e pintasse cada folha individualmente. Ela podia ver Alice andando de volta para casa, carregando uma cesta cheia de maçãs.

Dois homens que pareciam exatamente iguais estavam indo para a casa com uma mulher pequena caminhando entre eles. Devem ser Owen e Oliver. Polly mal podia esperar para conhecer o amado de sua melhor amiga.

Ela se virou para Ellie e deu seu primeiro sorriso genuíno desde que chegou ao Rancho Chapmam.

— É fácil ver por quê. É lindo aqui — disse Polly.

— Acho que nunca vou querer sair daqui.

— Bem, não precisa — Polly se levantou, arrastando Ellie do banco. — Por que não me apresenta ao homem que roubou seu coração?

Ela sentiu Ellie apertar sua mão enquanto desciam os degraus para encontrar o resto dos Chapmans.

CAPÍTULO 4



— Onde está todo mundo? — Everett perguntou entrando na grande sala.

Alice estava deitada no sofá, as pernas esticadas para o lado. Ela tinha um jornal na mão. Everett podia ver que estava datado, do mês anterior. As notícias viajavam lentamente. Podia levar mais de um mês, para a correspondência chegar da Costa Leste.

Alice estalou o papel para efeito.

— Sabia que havia uma mulher presa, por votar no presidente Grant?

Everett zombou.

— Mulheres votando. Qual será a próxima? Elas usando macacões?

Alice balançou os pés para o lado do sofá e se sentou, seu dedo cutucando o jornal.

— Esta mulher, eu quero que saiba, percebe que devemos fazer parte do processo eleitoral. Há uma reunião na próxima semana em Grand Platte. Eu poderia simplesmente sair e me juntar a elas.

— Não vai fazer tal coisa, *Pint Jar*.

— Por que não?

Everett se aproximou do sofá e se inclinou sobre o braço. Seu dedo espetou o ar enquanto ele falava com Alice.

— Primeiro, se alguém suspeitar de que está saindo da fazenda sem escolta, posso garantir que nunca chegará perto o suficiente para selar um cavalo. Segundo, não sabe o efeito que teve em Marmee, quando desapareceu por meses. Todo mundo estava vasculhando o país a sua procura. E terceiro, tire todas as ideias tolas da sua cabeça.

— Sra. Anthony, estava lutando por mais do que apenas o direito de votar — Alice colocou o jornal na mesa e cruzou os braços. — Estava lutando pelo direito de uma mulher possuir propriedades. Para poder se casar com quem ela escolher. Para poder manter essa propriedade se o marido morrer, em vez de vendê-la por suas costas.

— As coisas são do jeito que são, *Pint Jar*.

— Bem, elas não deveriam ser. Oliver se casou com Willow, porque ela era vista como propriedade daquele louco.

Everett ergueu a sobrancelha. Alice não falava muito, mas quando o fazia era um desabafo ou algo muito pensado. Ele se perguntou, aonde ela estava querendo chegar com sua discussão atual.

Sabia que seu irmão havia se casado com Willow, a mulher que eles encontraram escondida do outro lado do rancho em uma cabana de caça, mas não questionou nada.

— O que sabe sobre Willow?

Alice congelou. Um olhar de pânico surgiu em suas belas feições loiras. Everett viu seu lábio inferior tremer e foi direto ao coração.

— É a história dela para contar, não a minha.

Everett assentiu.

Ocasionalmente, Alice se refugiava nas memórias de seu abuso. Ele não queria causar-lhe qualquer dor. Mesmo que ela pudesse ser um pouco incômoda, ainda era sua irmã.

— Bem, então não vamos falar sobre isso — ele caminhou até a longa mesa.

Havia um conjunto de louças da melhor porcelana de Marmee, completo com um guardanapo de pano e seus melhores talheres trazidos de Boston. Havia também pratos empilhados com biscoitos e um bolo que cheirava delicioso.

— O que é isso? — ele perguntou, pegando um biscoito para examiná-lo. Marmee faria biscoitos, mas seriam recheados com passas ou outras frutas. Esses biscoitos eram delicados — pálidos no meio e marrom claro nas bordas.

Alice pegou o jornal e o enfiou debaixo do braço, juntando-se a ele na mesa.

— Polly está praticando.

— Praticando? Praticando o quê?

Era difícil acreditar que a amiga de Ellie estava no rancho há pouco mais de uma semana. Everett tinha sido hábil em evitá-la. Rich, mencionou a aparência bonita e a personalidade doce da mulher.

Em seus pensamentos, Everett concordou que ela era uma das mulheres mais bonita que ele já tinha visto. Seu comportamento, no entanto, era uma história diferente. Não tinha visto nada doce nela.

Parecia que ela se esforçava para irritá-lo.

— Está fazendo biscoitos e bolos para o casamento de Ellie e Owen. Ela tem um livro de receitas que veio da Inglaterra - disse Alice.

— Isso é muito longe — Everett colocou um biscoito na boca e mastigou pensativo. — Nada mal — disse ele, pegando outro.

— É melhor não fazer isso, Ev. Ela vai ficar mais brava do que uma galinha molhada, se souber que estava aqui comendo isso antes do jantar.

— O que é isso? — ele perguntou, apontando para um bolo esfriando em um rack.

— Ela o chamou de bolo de esponja. Eu nunca vi nada parecido.

— Hmm. Ainda não respondeu minha pergunta sobre para onde todo mundo foi?

— Oh. Eles foram para a cidade. Ellie queria um pouco de renda e Polly precisava de mais fermento em pó, farinha e cacau.

— Onde está Marmee? — Os dedos de Everett se estenderam e rapidamente pegaram outro biscoito. Eram os melhores que ele já tinha provado, embora, nunca diria isso para sua mãe.

— Marmee, foi com elas. Precisava pegar algumas coisas também.

— Não foi com elas?

— Não. Eu queria ir ver Annamae.

— Sozinha?

— Não é um passeio longo.

— Alice... — ele avisou.

— Eu não sou uma criança. Eu gostaria que todos parassem de me tratar como tal.

— Marmee te envolveria em panos de linho se ela achasse que continuaria sendo seu bebê.

— Bem, eu não sou. Eu vou fazer vinte em breve. — Everett pegou uma faca. — O que está pensando em fazer? — Alice advertiu.

— Shhh. Eu vim para um lanche — ele largou a faca no meio do bolo redondo.

— Não se atreva, Everett.

— Tarde demais. A faca acabou de cair — Everett fez um rápido trabalho de cortar um pequeno quadrado no meio do bolo. — Ela pode nem ver, e ninguém jamais saberá.

— Polly vai ficar lívida, quando ver isso.

— Eu vou aproveitar minhas chances — ele colocou o pequeno pedaço de bolo na boca e mastigou pensativo. O bolo era leve e arejado, tão diferente dos bolos pesados e densos que Marmee fazia no forno holandês. Tinha um sabor tão doce de manteiga, que Everett queria outro pedaço. Ele olhou para Alice parada ali com um olhar mortificado em seu rosto. — Anime-se, Pint Jar — disse ele. — Sobrou muito. Olha, tem até um segundo bolo — Everett largou a faca no meio do bolo intocado. — Parece que vou ter que experimentar este também — ele rapidamente cortou o centro do bolo e limpou a faca na camisa antes de colocá-la de volta no lugar. Ofereceu metade de sua peça furtada para Alice.

— Eu não quero que ela fique chateada comigo.

— Então não diga nada.

— Eu não vou mentir por você, Ev.

— Eu não estou pedindo que minta. Estou pedindo para saborear um pedaço do melhor bolo que já comi.

Alice hesitou por apenas um momento, antes de estender a mão para pegar metade do bolo oferecido por Everett. Ela colocou na boca e seus olhos se arregalaram.

— Isso tem gosto de nuvem.

Everett riu.

— Eu me pergunto se ela vai servir com o jantar.

— Não sei. Mas é melhor sair daqui antes que elas voltem.
— Eu posso fazer isso — ele pegou uma maçã da tigela no meio da mesa e a enfiou no bolso.

— Por que não me leva para a casa dos Hartmans?

Everett parou.

— Como assim?

— Por que não me acompanha?

Everett estalou a mandíbula.

— Por que eu faria isso?

— Porque eu sei que eles estão sofrendo tanto quanto nós, e seria bom se outra pessoa além de mim ou Ellie fosse visitá-los.

— Eu não vou, Alice.

— Certo. Só direi a Polly quem cortou o bolo dela.

— Não o faria. Comeu também.

— Ela vai ficar tão brava, que nem vai pensar em mim.

— O que quer?

— Eu quero que vá até os Hartmans, comigo. Nem precisa entrar. Pode apenas sentar-se à beira do riacho. Eu não vou demorar tanto. — Alice rapidamente adicionou ao final.

Everett pensou por um momento e então suspirou.

— Eu te entendo. Estou feliz que está saindo de casa.

Alice beijou sua bochecha e saiu correndo para o quarto.

— Deixe-me me trocar e podemos ir.

— Estarei no celeiro — ele chamou por ela. *Não adianta estar em casa quando Polly chegar.*



— Ora, Everett Chapman, acho que não o vejo há uma eternidade
— Annamae Hartman segurou a coluna que sustentava o telhado da varanda com uma mão e se inclinou, balançando-se ao redor do poste de madeira. Ela olhou para Alice. — Ele está no jardim.

— Quem está no jardim? — perguntou Everett. Ao invés de responder, Alice rapidamente desceu do cavalo, soltou as rédeas no chão e desapareceu na esquina.

Annamae voltou a se balançar no poste da varanda. Era uma garota bonita. As memórias de Everett sobre ela, eram de mais de doze anos atrás, quando eles ainda estavam na escola juntos. Ela era cinco anos mais nova que ele, então devia ter pelo menos vinte e um agora. Estava usando uma saia com remendos decorando-a e um suéter de malha. Seu cabelo loiro caía sobre seus ombros e balançava, enquanto se movimentava para frente e para trás. Ela tinha grandes olhos azuis e um rosto fino. Enquanto balançava na coluna, ele podia ver pés descalços e sujos espreitando por baixo de sua saia.

— Eu não posso acreditar que está aqui sem sapatos, Annamae.

— Não está tão frio. Eu ia sair para o campo. O último milho está secando. Podemos colher alguns e depois alimentar os porcos.

- Eu não sei. Estamos aqui apenas por alguns minutos. Aonde, Alice foi? Annamae parou de balançar.
- Ela está no jardim.
- Eu pensei que ela estava aqui para lhe ver.
- Ela está. Eu vou vê-la em breve.

Everett beliscou a ponte do nariz. Annamae, não lhe contaria nada. Ele se beliscou com mais força antes de soltar o nariz. Seus olhos levaram um momento para se concentrar. Pressionou lombos da égua e estalou a língua. Shadow começou a caminhar em direção ao jardim.

— Alice! — ele chamou.

Annamae saiu da varanda.

— Espere! — ela gritou.

Everett parou Shadow.

— O quê?

— Ela provavelmente está lá dentro se preparando para tomar chá com a mãe agora. Quer entrar e tomar chá?

— Não.

Annamae mordeu o dedo. Balançou a saia e girou nos calcanhares.

— Espere aqui — ela ordenou por cima do ombro. — Eu vou trazê-la de volta em um instante. O pai deve estar em casa em breve, e ele não gostará de vê-lo.

— Então mande Alice sair e nós vamos embora.

— Deixe-me pegar minhas botas — antes que Everett pudesse responder, Annamae desapareceu na pequena cabana. Levou apenas um momento para reaparecer. Ela tinha uma capa enrolada nos ombros. Everett podia ver que estava desgastada em alguns lugares também. — Vamos lá.

— Aonde vamos, Annamae? — perguntou Everett.

— Para o campo, bobo.

— Onde está Alice? — Sua paciência estava se esgotando. Ele não tinha muito tempo a perder, pois precisava voltar ao rebanho o mais rápido possível.

Annamae evitou a pergunta e passou por ele para pegar as rédeas do cavalo de Alice. Ela as amarrou na varanda e então se virou para olhar para Everett. Ele podia ver que seu rosto estava afundado. Quando ela afastou o cabelo, ele viu olheiras emoldurando seus olhos. Seus lábios eram de um rosa pálido e se misturavam com sua pele clara.

— Irá comigo? Alice está perfeitamente segura lá dentro.

— Eu não acho...

— Então não, Everett Chapman. Apenas venha comigo e eu vou mantê-lo longe de ouvidos atentos.

Everett suspirou e levantou a perna sobre o lombo do cavalo e saltou para o chão. Amarrou Shadow ao lado do cavalo de Alice. Ele ouviria qualquer tolice que Annamae tivesse a dizer e depois voltaria para casa. Ele se virou para ver Annamae, já caminhando em direção ao campo ao longe. Correu para alcançá-la.

— Então, me conte — ele disse diminuindo a velocidade para caminhar ao lado dela.

— Alice esteve aqui, tentando fazer com que Ma visite Marmee.

— Com que frequência ela vem aqui?

Annamae deu de ombros.

— Talvez uma vez por semana. Normalmente, vem sozinha. Às vezes Ellie a acompanha — Annamae pegou um pedaço de palha seca e o girou entre as palmas das mãos. Ela rolou o canudo para cima e para baixo enquanto continuava a falar. — Eu gosto de Ellie. Ela irá se casar com seu irmão, não é?

— Sim. Owen.

— Ah — ela respondeu suavemente. — Eu sei que ele deveria se casar com Sarah.

— Foi há muito tempo. Ele está feliz. Isso é tudo o que importa.

Everett pensou em Ellie por um momento. Ela realmente amava Owen. Ele se perguntou como seria se alguém o amasse assim. O rosto de Polly passou por sua mente e ele rapidamente o afastou. Ela não foi feita para esta vida. Era uma flor delicada, assando biscoitos e bolos, como o pessoal de Flat River nunca tinha visto. As mulheres precisavam ser duras para sobreviver no Oeste. O clima pode ser severo. Everett ficou surpreso que ainda não havia neve. Às vezes nevava já em setembro. Este ano o clima estava, surpreendentemente ameno.

Mas, novamente, ele não tinha intenção de se casar.

— Esteve doente, Annamae? Não me lembro de parecer tão pálida quando éramos mais jovens.

— Peguei a febre há alguns anos. Eu nunca me recuperei.

Everett não sabia o que dizer, então permaneceu em silêncio.

Annamae correu na frente, seu xale caindo sobre os ombros. Ela parou na frente do milho e puxou várias espigas secas.

— Estou surpreso que seu pai não tenha colocado isso no berço de milho para o inverno.

— Ele vai. Mas está ocupado com outras coisas agora.

— Seus animais têm que comer.

Annamae passou várias espigas para Everett e então desceu a fileira.

— Basta colocá-las no chão. Vou pegar mais algumas e depois podemos jogá-las no curral. A essa altura, Alice deve estar pronta para ir para casa.

Everett colocou as espigas em uma pequena pilha no chão e ajudou Annamae a recolher mais algumas.

— Qual é o plano dela para reunir as famílias novamente?

— É fácil. Ela vai se casar com Chatten.

Everett deixou cair o milho que estava segurando. O sangue correu para seus ouvidos. *Era por isso que ela queria passar tanto tempo nos Hartmans!* Estava planejando se casar com um deles. Bem, não no seu turno. Ele se casaria com uma Hartman, antes de deixar Alice fazer isso. E especialmente

com um muito mais velho que os vinte anos de Alice.

O som de sangue rugiu em sua cabeça, abafando todo o barulho para que ele não percebesse que Annamae, havia colocado a mão em seu braço.

— O quê? — ele exigiu com a voz rouca, jogando seu braço.

Annamae deu um passo para trás, sua bota prendendo em sua saia enquanto ela se movia para trás. Seus braços acenaram, enquanto tentava se segurar. Everett estendeu a mão para pegá-la e ela caiu em seus braços. Ela se segurou nele e se endireitou. De repente, seus olhos se arregalaram quando olhou por cima do ombro dele. Everett se virou e viu um homem vestindo roupas escuras caminhando em direção a eles segurando uma espingarda na mão.

— O que diabos está acontecendo aqui?! — uma voz profunda explodiu.

— Pai! — Annamae disse avançando. — Nós estávamos apenas pegando milho para os porcos.

— Porcos não precisam de milho — Os olhos de Randall Hartman olharam para Everett. — Annamae, vá para a casa.

— Mas Pai!

— Agora, garota!

— Desculpe, Everett — disse Annamae, levantando a saia e correndo em direção à casa.

— É um daqueles garotos Chapman, não é? — Randall perguntou.

— Sim, senhor — Everett nunca tinha visto o mal antes. Ele tinha visto desenhos de como o diabo poderia ser nas ilustrações da Bíblia que Marmee compartilhava, enquanto lia para seus filhos.

Ele tinha uma ideia particularmente boa de que o homem na frente dele era o próprio diabo. Respirando fundo, se certificou de que suas mãos estavam o mais longe possível de sua pistola. Não adiantava tentar o homem para atirar, especialmente quando ele podia ver que o Sr. Hartman, estava com coceira no dedo no gatilho.

— Que tal me dizer o que está fazendo na minha terra, abordando Annamae?

Everett ergueu as mãos em falsa rendição.

— Isso não é o que parece, senhor.

Randall apontou a espingarda para o meio.

— Então, por que não vai em frente e me diz exatamente o que é?

CAPÍTULO 5



Polly aprendeu que, havia várias coisas que eram diferentes de sua casa em Atlanta. Todos se reuniam na casa principal para uma grande refeição no início da tarde, a menos que fosse a época de parto ou rodeio. Marmee se levantava antes do amanhecer para preparar o café da manhã e então começava a preparar a refeição da tarde.

Geralmente havia carne de muitos jeitos. Marmee, cozinhava bifes se estivesse com pressa. No domingo ela serviu frango assado, que Polly descobriu ser o favorito de Everett. E presunto, assado ou cozido, seria servido pelo menos uma vez por semana.

Polly soube que toda a carne, era criada na fazenda e os cowboys ajudavam no abate. Em troca, parte da carne seria reservada para alimentar os famintos.

Feijão, era um alimento básico. Os secos eram usados durante o inverno e a primavera, quando os frescos não estavam disponíveis. Os feijões colhidos diretamente do jardim eram servidos durante os meses de verão e no final do outono. Marmee, os fervia com pedacinhos de cebola, presunto e um pouco de sal. Essa era a preparação favorita de Polly.

Batatas, outro vegetal, pão e manteiga completariam a refeição. Após a refeição principal, seriam servidas sobremesas como bolo, biscoitos ou pudim. Isso manteria todos cheios até o jantar.

Ellie havia escrito em suas cartas, que ninguém nunca parava de comer, com fome. Agora, ela sabia exatamente o que Ellie queria dizer.

Um jantar leve era servido depois de escurecer e normalmente consistia em sopa e sanduíches feitos de qualquer carne que tenha sobrado no início da tarde.

Hoje à noite, eles tinham sopa de legumes que sobraram e sanduíches. Fatias grossas de pão estavam cheias de camadas de presunto cozido, queijo e uma pasta marrom escura, diferente de tudo que Polly já havia provado antes.

— É um pickles — disse Marmee, empurrando a tigela para Polly. — Faça duas vezes por ano com os vegetais de raiz que estão começando a ficar macios.

— O que há nele? — perguntou Polly.

— Na maioria das vezes, são cenouras, nabos, rutabagas, cebolas e maçãs do ano passado. Eu adiciono couve-flor, se sobrar alguma coisa do jardim de

verão, o vinagre, açúcar e a cidra de maçã e cozinhar até engrossar.

— Quanto tempo isso leva?

Marmee deu de ombros.

— Pode levar até dois dias para engrossar como eu gosto.

— Não queima?

— Eu mantenho o calor baixo. Se estou cozinhando, simplesmente movo para o lado, fora do fogo. Ainda há calor suficiente para mantê-lo borbulhando.

— Estou tão cheia, mas não consigo parar de comer isso — Polly pegou uma fatia de pão da cesta e a cortou ao meio. Espalhou um pouco de manteiga e um pouco de pickles, antes de morder com prazer. — É delicioso. Não temos nada disso em Atlanta, temos, Ellie?

— Não. Esta é a primeira vez que eu como isso também.

— É a receita da minha mãe. Ela a recebeu de sua mãe e a trouxe para Boston, quando veio da Irlanda.

— Vou ter que escrever isso no meu livro de receitas. Sanduíche em conserva — Polly terminou o pão e limpou os dedos no guardanapo. — Eu me pergunto se a Sra. Bailey tem uma receita para isso.

— É aquele que você trouxe da Inglaterra? — perguntou Everett. Polly percebeu que seu queixo tremulava quando ele a olhava com desdém.

— De fato, é — ela sorriu. — Mas já sabia disso, não é?

— Uh-oh —, Ellie sussurrou para Owen — ela está prestes a perder o controle.

Polly notou que Alice se encolheu na cadeira. Olhou ao redor da mesa, estreitando os olhos enquanto se aproximava de Everett. Ela abriu a boca para dizer algo, mas se recompôs. Ela não queria envergonhar Ellie.

— Eu deveria pegar a sobremesa — disse ela, empurrando-se para longe da mesa. Pegou seu prato e recolheu os mais próximos a ela.

— É uma convidada, não precisa fazer isso, Polly — insistiu Marmee, levantando-se.

— Claro que não — respondeu Polly. — No entanto, a senhora abriu sua casa para mim. Está me alimentando, me dando um lugar para ficar. Se eu estivesse hospedada em um hotel, teria que pagar. Isso é o mínimo que posso fazer — Ela se virou e levou os pratos até a pia, voltando para pegar o resto. Ellie já havia recolhido os pratos restantes, então tudo o que restavam eram as tigelas e xícaras.

Polly decidiu começar com Everett. Ela deu seu maior sorriso e se inclinou sobre ele para pegar sua xícara. Seus lábios estavam quase roçando a orelha dele, e seus pensamentos foram acrescentados quando o cheiro de couro, cavalos e feno encheu suas narinas. Ela fechou os olhos por um momento. Quando ela os abriu, ela viu Everett endurecer e suas narinas dilatarem.

Interessante, ela pensou, pegando a xícara.

— Eu sei que foi o senhor — ela disse suavemente para que ninguém mais pudesse ouvir.

Os olhos de Everett se encontraram com os dela. Polly inclinou a cabeça, seus lábios se curvando nos cantos.

Ela puxou a xícara em sua direção e arrastou a tigela para a beirada da mesa. Antes que Everett pudesse responder, o resto de sua sopa caiu em seu colo. Ela o ouviu rosnar quando se virou para Alice pegando a tigela da jovem e depois caminhou até a pia, sem se virar.



Everett estalou a mandíbula.

Ele não podia acreditar que ela jogou uma tigela de sopa em seu colo. Certo, a tigela estava quase vazia e tinha esfriado o suficiente para não o queimar, através de suas calças de lã, mas ainda assim. Ele pegou a tigela e colocou-a suavemente sobre a mesa.

Alice levou a mão à boca, tentando abafar o riso. Ele já estava irritado com sua irmã, pelo que acontecera nos Hartman. Queria chamar-lhe atenção, especialmente depois do sermão que lhe deu no caminho para casa, mas, somente mordeu o interior de sua bochecha. Ele lidaria com ela mais tarde.

Enxugando o máximo de sopa que podia com o guardanapo, Everett pegou a tigela. Caminhou até a pia onde Polly estava raspando os restos em um balde e colocando os pratos na água com sabão. Ficou o mais perto que pôde de suas costas sem tocá-la. Os dois, poderiam jogar este jogo.

Polly se encolheu quando o braço dele a envolveu. Quando ele se inclinou para mais perto, inalou o cheiro de seu sabonete floral e água de rosas, que ela deveria ter colocado atrás de cada orelha. Era inebriante e Everett queria pegá-la e carregá-la para fora de casa. Ao invés disso, colocou os lábios perto do seu ouvido e sussurrou:

— A senhorita, esqueceu uma.

Polly virou a cabeça, seus olhos azuis piscando para os dele. Ele estava perto o suficiente para beijá-la. Tudo o que precisava fazer, era se curvar um pouco e seus lábios poderiam roçar os dela. Ele se perguntou, se os lábios dela eram firmes ou macios. Eles pareciam incrivelmente macios. Seus lábios se abriram ligeiramente, e ele viu sua respiração acelerar.

Ela não era tão afetada quanto parecia. Everett guardou esse pensamento. Ele levantou a mão para tocar seu braço quando ouviu Owen chamá-lo da mesa.

— Está lavando louça, Ev?

Everett rapidamente deixou cair a mão e girou nos calcanhares.

— Eu preciso chegar ao celeiro — disse ele. Pegou seu chapéu e uma maçã do balde perto da porta e caminhou para fora. Com um olhar por cima do ombro, ele viu Polly observando-o se afastar. Seus olhos estavam grandes e seus lábios, inchados como se ela os tivesse mordido. Dando um gemido silencioso, ele empurrou a porta e saiu para o ar da noite.

A temperatura havia caído. Everett estremeceu e passou as mãos para cima e para baixo em seus braços para se aquecer. Pensou em voltar para dentro para pegar seu casaco, mas não achava que poderia entrar lá agora. A tensão

era sufocante.

Caminhou até o celeiro e deslizou pela grande porta. Estava parcialmente fechado para manter a maior parte do frio do lado de fora. Ele adorava o celeiro, com os sons dos animais e o cheiro de feno e couro. Caminhou até o curral de Shadow. Dando um leve relincho, a égua colocou a cabeça sobre a grade e se moveu para Everett acariciá-la. Everett, rapidamente obedeceu. Ela deve ter sentido o cheiro da maçã no bolso quando seus lábios aveludados, roçaram sua camisa.

— Sabe o que tem aqui, não sabe? — Everett disse suavemente. Ele puxou a maçã e a estendeu para a égua. Shadow relinchou e dentes grandes deram uma mordida na maçã. — Ei, calma — Everett levemente advertiu, acariciando a égua no focinho. — Não coma meus dedos.

A égua, mastigou feliz e depois voltou para outra mordida. Logo não havia mais nada da maçã, exceto alguns pedaços que caíram no chão. Shadow abaixou a cabeça, afastando o feno para encontrar o que restava de sua guloseima.

Cavalos, Everett entendia. Mulheres? Não muito.

Ele ouviu passos no celeiro. O som era muito mais leve do que qualquer um dos homens andando. Everett se virou e Polly estava ali com um prato nas mãos. Ela não tinha colocado um xale e suas bochechas estavam levemente vermelhas por andar no frio.

— Não deveria estar aqui sem um agasalho — ele disse suavemente.

— Eu não sabia o quão longe era chegar aqui. Parece muito mais perto da casa.

Everett não disse nada por um momento. Ele olhou para o prato nas mãos de Polly. Parecia uma pilha de creme no prato.

— O que é isso?

Polly lembrou que estava carregando o prato e caminhou até a bancada. Ela afastou tiras de couro e várias palhetas, colocando o prato no balcão.

— Eu lhe trouxe, um pedaço de bolo — ela disse suavemente.

— Não havia dito que, eu já tive a minha parte?

Polly apertou as mãos e se aproximou.

— Eu aprecio que pegue o meio e não os lados. Fica mais fácil de esconder.

Everett riu.

— O que quer, Polly?

— Este é o seu cavalo? — Everett assentiu. — É o mesmo que montei no dia em que cheguei? — Everett assentiu mais uma vez. — Posso tocá-lo? — É uma ela — Shadow bufou como se entendesse o que Everett estava dizendo.

— Isso mesmo — Polly se aproximou e hesitantemente estendeu a mão. A égua cheirou com lábios grandes e então tentou morder seus dedos. Polly gritou e pulou para trás.

— Isso fez cócegas — disse ela rindo nervosamente. — Eu nunca estive perto de animais grandes antes.

— Você não tinha cavalos em Atlanta?

— Só para puxar a carruagem. E havia um servo que cuidava deles.

Servo. Ela tinha um criado. A família devia ser muito abastada.

Ela estendeu a mão mais uma vez e Shadow puxou os lábios, mostrando dentes fortes. Tentou beliscar Polly mais uma vez e então deu um relincho, jogando sua crina como se estivesse brincando.

— Shadow está apenas conferindo se tem um gosto bom.

— Eu não sou um deleite para ela.

— Os cavalos são muito inteligentes. Ela provavelmente teria percebido que não é nada doce.

A dor passou pelas feições de Polly.

— É isso o que acha?

Everett pegou uma escova e começou a passá-la pelo pescoço de Shadow.

Não sabia o que dizer.

Ele a sentiu se aproximando.

— Everett — ela disse sem fôlego.

Everett se virou, seu cotovelo roçando seu braço. Ela chegou perto do queixo dele, então teve que levantar os olhos para ver seu rosto. Ela era uma mulher bonita.

Polly era diferente das mulheres que viviam ali que haviam sido endurecidas por aquela terra.

Marmee era linda, mas os traços finos que a tornavam deslumbrante em Boston se transformaram em sombras ásperas do que já foram.

Ele pensou em Ma Hartman, que também foi considerada bonita uma vez. Viver em Nebraska a transformou em uma concha, com um rosto cheio de sulcos profundos em sua pele bronzeada. A amargura estava gravada em seu rosto.

Mesmo Annamae, que quase morreu de febre, não era mais a bela jovem de que Everett se lembrava. As duras condições de vida em Flat River, a afetaram e ela tinha pouco mais de vinte anos.

Olhou para Polly.

Ela era bonita demais para ser arruinada por Nebraska. Logo ela voltaria para Atlanta e tudo isso se tornaria uma lembrança. Sua visita se tornaria histórias para compartilhar durante o chá ou receitas para escrever nas margens de seu livro.

Ele estudou cada traço dela como se os queimasse em sua memória. Ela tinha uma pequena marca embaixo do olho. A maioria das mulheres tentaria escondê-la com pó, mas combinava com ela. Tinha linhas profundas perto de suas bochechas. Marmee as chamava de, linhas de riso. Podia imaginar que ela ria bastante em Atlanta.

Ele estendeu a mão e tocou um dos cachos escovando seu ombro. Parecia macio sob seus dedos. Puxou um pouco e soltou. O cabelo enrolou-se em seu dedo, agarrando-se a ele em um cacho apertado. Relutantemente puxou novamente, soltando o dedo. Observou o cacho saltar várias vezes antes de

voltar os olhos para Polly.

— O que quer, Polly? — Aquela voz rouca pertencia a ele?

— Eu... eu só queria, lhe trazer o bolo — Ela baixou os olhos. — E para me desculpar por derrubar a sopa em você. Foi muito inesperado.

Everett deu uma risada aguda.

— Eu não estou preocupado com a sopa.

Polly se aproximou do curral, colocando o pé no degrau inferior.

— Estou aqui para ajudar Ellie com seu casamento. Eu esperava que pudéssemos ser gentis um com o outro, pelo menos até então.

— Percebe que ela não lhe acompanhará para casa?

— Eu sabia disso desde o primeiro dia que estive aqui. Ela está mais feliz do que eu já a vi.

— Eu não sei o que quer de mim, Polly.

Polly colocou a mão em seu braço.

— Eu não quero nada. Eu só não quero ter nenhuma briga entre nós.

Seu peito apertou.

— Não tenho nada contra você.

Polly deu um pequeno sorriso.

— Estou feliz então.

Ela olhou para ele e um sorriso surgiu em seu rosto, iluminando suas feições. Everett se inclinou o suficiente para que Polly colocasse a cabeça para trás. Ele podia ver seu pulso batendo na lateral de seu pescoço.

— Polly — ele sussurrou pouco antes de seus lábios reivindicarem os dela.

Polly hesitou apenas um momento antes de colocar os braços em volta do pescoço dele.

Everett puxou-a para mais perto, apertando as mãos em volta da cintura. Ela afundou em seu abraço, os planos duros de seus músculos envolvendo-a. Afastando-se um pouco, ela respirou fundo e olhou para ele por baixo dos olhos semicerrados. Seus lábios se separaram e isso foi todo o convite que Everett precisava para beijá-la novamente.

Ele a abraçou forte até sentir Shadow cutucar seu ombro e ouvir a porta do celeiro se abrindo. Polly rapidamente pulou de seus braços, suas bochechas coradas pelo beijo e seus lábios inchados.

— Seu bolo está no balcão — ela sussurrou, girando nos calcanhares para correr do celeiro. — Com licença — ela disse, movendo-se ao redor de Sawyer e desaparecendo na noite.

— Desculpe, chefe — disse Sawyer. — Eu não queria interromper nada.

Everett pegou a escova e voltou a acariciar o couro de Shadow.

— Não o fez.

Everett tentou entender o que acabara de acontecer, mas ao pensar em Polly, mais confuso ele ficou. E depois, havia o pequeno problema de Annamae. Como iria explicar isso para sua família?

Quando fora confrontado no campo, por Randall, ele tinha certeza de que o homem iria atirar nele. Randall tinha um olhar perturbado em seus olhos e

insistiu que Everett deveria se casar com a Hartman mais jovem, para proteger sua reputação. Ele lhe deu vinte e quatro horas para decidir fazer a coisa certa, antes que fosse ver ao xerife e mandasse prendê-lo.

Mesmo que Everett dissesse que nada aconteceu, Randall não se deixou influenciar.

Agora que beijou Polly, Everett percebeu que não queria beijar mais ninguém. Nunca. O que ele deveria fazer?

Everett precisava encontrar Tot.

Tot saberia exatamente o que fazer.

CAPÍTULO 6



— Eu não sei o que lhe dizer, garoto. Mais café?

Everett assentiu e estendeu sua xícara para Tot, que a encheu com café quente. Ele voltou a encher a caneca e colocou a panela no fogo. Havia duas coisas com as quais sempre se podia contar com Tot. Ele sempre tinha um bule de café no fogo e era uma fonte de sabedoria para muitos homens no rancho.

Everett olhou para o homem que era um segundo pai para ele. Seu nome completo era Aristóteles Wilson, Alice o chamava de Tot, e o nome pegou. Tinha mais ou menos a mesma idade de Weston Chapman, mas seu ritmo era um pouco mais lento. Embora Tot contasse histórias de sua juventude selvagem perseguindo índios e garotas bonitas, ele estabeleceu uma rotina à medida que envelhecia. Everett se perguntou se todas aquelas histórias que ele contava aos cowboys eram verdadeiras.

Sua mãe, o nomeou em homenagem a um filósofo, cujo livro, leu um dia. Seu nome era apropriado, pois o próprio Tot era um filósofo. Ele estava no rancho desde que Everett conseguia se lembrar.

Tot simplesmente apareceu um dia, e embora Everett fosse uma criança, ele se lembrava distintamente de Marmee abraçando o homem e dando-lhe as boas-vindas à propriedade.

Até seu pai, bateu várias vezes nas costas de Tot. Quando o Homestead Act de 1862 permitiu que os homens reivindicassem cento e sessenta acres por uma pequena taxa, Tot reivindicou seu direito ao lado da terra Chapman. Weston Chapman apresentou reivindicações em seu nome, bem como os nomes de seus cinco filhos, dando-lhe um dos maiores terrenos em Flat River.

A Lei declarava que a terra deveria ser cultivada; seja através da agricultura ou do gado, e uma habitação devia ser construída sobre ela. A terra de Tot tinha um barraco ao longo do rio. Foi usado como uma cabana de caça, para homens que procuravam caça selvagem durante os meses de outono e inverno.

Tot não tinha vontade de trabalhar a terra, mas sabia que para mantê-la, a terra tinha que ser trabalhada por cinco anos. Então, ele fez parceria com Weston. Assumiu funções de capataz até que os filhos mais velhos de Chapman, pudessem assumir.

Owen e Oliver saíram de casa para lutar na Guerra Civil e Michael foi morto, então o próximo na fila foi Caleb. Tot trabalhou em estreita

colaboração com Caleb, ensinando-lhe tudo o que sabia sobre gado e cavalos. Então, ele ensinou Everett da mesma maneira. Quando Everett perguntou como sabia tanto sobre pecuária, Tot simplesmente disse que trabalhara em várias fazendas entre Missouri e São Francisco.

Tot não falava muito sobre seu passado, além das histórias loucas que ele contava ao redor da fogueira, mas Everett sabia que essas experiências lhe moldaram no homem que era hoje. Agora, ele ficou no rancho cozinhando para os trabalhadores. Gostava de cozinhar e apreciava que os homens gostassem de comer seus pratos.

Tot colocou as mãos em concha ao redor da xícara de café e soprou o vapor que saía dela. Everett fez o mesmo.

— O que acha que eu deveria fazer, Tot?

Tot tomou um gole de café pensativo.

— Bem. O pai dela é muito louco.

— Nada aconteceu. Ela caiu e eu a peguei.

— Mas olhe para isso, da perspectiva do pai dela. Ele já teve uma filha fugida e depois pega a mais nova em uma posição comprometedor. É demais para um pai suportar.

— Então, acha que eu deveria me casar com ela para salvar a pele?

— Já perguntou a Annamae o que ela quer?

— Não tive oportunidade. O Sr. Hartman ameaçou atirar em nós se não saíssemos imediatamente.

Tot coçou o queixo, seu rosto envelhecido exibindo o mais claro dos bigodes.

— O que estavam fazendo lá de qualquer maneira? — Everett suspirou. Ele não sabia o que dizer. — Poderia muito bem desabafar, garoto. Caso contrário, ele vai comê-lo vivo. Eu sei como é guardar segredos.

— Tem segredos, Tot?

— Todos nós temos. É o que se faz com eles que importa. Seja qual for o segredo que esteja mantendo, parece que está te incomodando um pouco.

— Alice me pediu para não dizer nada.

— E o que disse a ela?

— Eu não disse nada.

Tot estendeu o braço, apontando para a terra no escuro.

— Aqui somos só eu e as vacas — o canto leve dos cowboys podia ser ouvido à distância, mas eles estavam longe o suficiente da carroça.

— Alice queria ir.

— Para quê?

Everett esvaziou seu café e colocou a xícara no tronco ao lado dele. Esticou as botas em direção ao fogo e pensou no que dizer.

— Ela disse que queria ver Annamae, mas não acho que seja esse o motivo.

— Quem ela queria ver?

— Annamae mencionou que Alice ia se casar com Chatten.

Tot quase cuspiu a boca cheia de café no fogo.

— Chat? Como em Chat Hartman?

— Ele mesmo.

— Por que ela se casaria com um Hartman?

Everett solta um suspiro profundo.

— Eu não sei. Ela não vai dizer nada além de tentar reunir as famílias. Mas não acho que seja assim. Estou surpreso que Alice sequer consideraria o casamento, dado... — Ele deixou as palavras morrerem. Não fazia sentido reviver a provação de Alice.

— Hmmm — Tot jogou o último gole de café no fogo. A madeira estalou quando o líquido quente atingiu as brasas. — Bem, Alice é uma mulher. Ela está se curando e, eventualmente, ela vai se curar o suficiente para dizer que é hora de seguir em frente.

— Eu não acho que Marmee vai gostar disso.

— Acho que Ingrid não atrapalharia nada nem ninguém que deixasse seus filhos felizes.

— Eu acho que não.

— E você, Everett? Não pensa em se estabelecer e ter filhos?

— Não — Everett respondeu rapidamente. A imagem de uma bela dama sulista passou por sua mente. Ele sabia que nunca poderia se casar com Polly. Ela voltaria para Atlanta, logo após o casamento. Ele tentou se imaginar casado com Annamae Hartman, mas isso simplesmente não vinha à sua mente.

Claro, era uma pioneira, mas estar casado com ela? Everett simplesmente não conseguia imaginar. Talvez ele pudesse falar com o Sr. Hartman novamente.

— Eu sabia. Está de olho em alguém — Tot deu um tapa no joelho. — Deixe-me adivinhar. É aquela linda garotinha da Geórgia.

— Ela não está apta para a vida aqui em Nebraska.

— Ah —, disse Tot, a luz do fogo brilhando em seu rosto — não negou. Já a beijou?

— Que tipo de pergunta é essa?

— Beijou! Gostou?

— Sim. Eu quero dizer não.

Tot estava gargalhando de alegria.

— Acalme-se, velho! — uma voz gritou da escuridão.

— Volte a dormir, Goodie! — Tot gritou de volta. Quando ouviu uma leve risada vinda da escuridão, voltou-se para Everett. — Parece que gostou um pouco mais do que está deixando transparecer.

Everett deu de ombros à luz do fogo.

— Eu nunca beijei uma garota. Não é como se houvesse muitas por aqui.

— Bem, então, ela será aquela com quem comparará todos os outros beijos. Não há nada como um primeiro beijo.

— Comparou todo mundo depois do seu primeiro beijo?

— Sim. Percebi que não queria beijar ninguém além dela pelo resto da

minha vida.

— O que aconteceu?

— Ela se casou, e eu não beijei ninguém desde então. Pense bem, rapaz, sobre o que vai fazer. Randall Hartman não é um homem para se brincar — Tot acenou com as mãos em direção ao fogo. — Agora vá. Tenho que dormir um pouco.

Everett pegou sua xícara de café e a jogou para Tot.

— Obrigado, velho.

— A qualquer hora, filho. A qualquer momento.

Everett ouviu Tot se movendo na escuridão enquanto se dirigia para a casa. De sua aproximação, ele podia ver a luz acesa no quarto de Alice e a usou para guiar seus passos de volta para a casa. Ele sabia que aquele quarto era onde Ellie e Polly estavam hospedadas, pois tinha uma cama maior. Ao se aproximar da casa, podia ouvir risos que percorriam a noite. A luz foi subitamente extinta, mergulhando Everett na escuridão. Ele esperou um momento para permitir que seus olhos se ajustassem ao breu, enquanto continuava andando com as palavras de Tot, ecoando em sua cabeça.



— Oh, Elenore, está deslumbrante! — Polly enxugou as lágrimas na ponta da manga.

Ellie estava na frente do espelho que Marmee levou para a sala.

— É como um sonho.

— Está parecendo um anjo — disse Marmee.

— Owen não vai conseguir tirar os olhos de ti — Alice entrou na conversa.

— Eu acho que é o vestido mais bonito que já vi — disse Willow, juntando as mãos.

Polly observou sua amiga se admirar no espelho. Virando em cada lado para ver as muitas camadas de seda que incluíam seu vestido de noiva.

Polly e a Sra. Brooks procuraram nas melhores costureiras para encontrar algo que sabiam que Ellie adoraria. A mãe de Ellie, queria enviar o vestido que eles compraram, para o que seria o casamento de Ellie com um homem em Atlanta, que se revelou abusivo e jogador. *Não havia sentido em desperdiçar dinheiro*, pensou a sra. Brooks. Polly insistiu que sua amiga tivesse algo novo e fresco, que não estivesse ligado a memórias difíceis.

Sra. Brooks finalmente cedeu, e se decidiram pelo lindo vestido vitoriano. Polly o embrulhou em linho e o carregou no trem. Ela se sentiu privilegiada por levar uma carga tão preciosa para sua melhor amiga.

O vestido foi feito sob medida em seda marfim com camadas de renda de bilros, costuradas na saia. Havia uma jaqueta com mangas três quartos, e a mesma renda combinando dos cotovelos aos pulsos. Botões de pérolas adornavam a frente da jaqueta e a gola era feita de muitas camadas de renda costurada à mão.

Polly podia ver as lágrimas começando a se formar nos olhos de Ellie.

— Nada disso agora. Não quero que manche seu vestido com suas

lágrimas. — Ela enfiou a mão dentro de uma grande caixa amarrada com barbante. — Vamos unir a cauda. — Polly puxou metros de tecido. No topo da saia havia pequenos botões. A cauda tinha laços de linha na parte superior para segurá-la no lugar.

— Não tenho certeza se quero uma cauda.

Marmee piscou várias vezes.

— Por que não?

— Eu amo o vestido do jeito que é. Eu teria medo de sujar a seda se a arrastasse pelo chão.

— Bem, então —, Polly disse — e se fizermos algo com isso? Não podemos deixar esse lindo tecido ser desperdiçado.

— Gostaria de guardar para fazer um vestido de batizado para quando Owen e eu tivermos nosso primeiro filho.

Marmee juntou as mãos.

— Que ideia esplêndida — ela enxugou as bochechas na parte de trás da manga. — Olhe para mim. Estou uma bagunça. Toda essa conversa de casamentos e bebês.

— Essa é uma ideia esplêndida — Polly concordou. Willow a ajudou a dobrar a cauda e colocá-la de volta na caixa. — Vamos experimentar seus sapatos. Estes são simplesmente lindos. — Suspiros percorreram a sala quando Polly tirou sapatos feitos de couro de cabrito com a mesma renda que adornava a frente do vestido e pérolas costuradas à mão na borda.

— Oh, meu Deus! — disse Ellie tocando os sapatos macios. — Nunca vi sapatos tão bonitos.

— Estes são um presente meu. Vamos experimentá-los — Polly se ajoelhou na frente de Ellie e desfez os ganchos de sua bota, tirando-a do pé e colocando-a de lado. Ela fez o mesmo para a segunda bota. Ellie flexionou os dedos dos pés antes de Polly colocar os sapatos no lugar. — Como eles encaixam?

— Como uma luva — Ellie levantou um pouco a frente do vestido, apontando o sapato para o espelho.

Polly ouviu a porta se abrir e as mulheres se viraram para ver quem estava entrando na casa. Marmee deu instruções estritas a Weston para manter seus meninos ocupados até que terminassem de ajustar o vestido de Ellie. Weston não tinha feito um bom trabalho, já que dois deles estavam entrando na casa.

— Parem! — Marmee falou. — Owen não pode entrar aqui.

— Ele ainda está no celeiro — Oliver disse virando a esquina. Ele parou quando viu Ellie e soltou um assobio baixo. — Está linda, Ellie Beth.

Everett deu a volta em Oliver e espiou dentro da sala. Sua boca se abriu ligeiramente quando ele olhou para a visão diante dele.

— Se a reação de Everett é alguma indicação, irá derrubar Owen — Polly riu. Ela se voltou para os homens.

A atenção de Everett havia se mudado de Ellie e agora estava focada nela.

— Ollie está certo — ele disse, seus olhos nunca deixando Polly. — está

linda

Ellie olhou de Polly para Everett.

— O-obrigada, Ev.

Polly rolou para trás em seus calcanhares.

— Nós provavelmente deveríamos tirá-lo daqui e guardá-lo antes que alguém entre. — Ellie tirou os sapatos e Polly os colocou na caixa. Ela empurrou a caixa para Willow. — Pode carregar isso e a cauda? Vou me certificar de que o vestido não toque o chão. Ellie levantou o vestido e saiu do engradado de maçãs. — Com licença — disse Polly, passando por Ollie e Everett. Ela tentou não deixar que a proximidade dele a afetasse, mas sentiu suas palmas transpirarem enquanto caminhavam pelo corredor.

Willow largou as caixas na mesa do quarto e voltou para a grande sala, deixando Polly e Ellie sozinhas. Ellie olhou para a amiga por um minuto.

— O quê? — perguntou Polly. — Precisamos tirá-la desse vestido.

— O que está acontecendo, Pollyanna?

Polly encolheu os ombros.

— Eu não tenho ideia do que está falando.

— Nos últimos dias, tem ficado nervosa toda vez que Everett está por perto. O que está acontecendo?

Polly sentou-se na cama.

— Eu não sei, Ellie. Eu só fico tão...

— Frustrada?

— Sim, perturbada em torno dele. Normalmente estou no controle total das minhas emoções, mas desde que ele me beijou...

— O quê?! — Ellie gritou.

— Silêncio, El — Polly disse rapidamente correndo para fechar a porta do quarto. — Eu não quero que ele pense que estamos falando sobre ele.

— Mas estamos. Quando isso aconteceu e por que não me contou?

— Aconteceu quando eu levei aquele pedaço de bolo para o celeiro.

— E...?

— O que quer saber?

— Como foi?

Polly voltou para a cama e suspirou, caindo sobre a colcha.

— Foi adorável.

— Irá fazer isso de novo?

— Ellie! Isso é indecente. Claro que não.

— Mas quer? — Ellie deu a sua amiga um sorriso malicioso.

Polly parou por um momento.

— Bem, se houver uma oportunidade para que isso aconteça novamente, não direi não.

Ellie deu uma risadinha.

— É uma pena que ele diga que nunca vai se casar.

— Então terei que voltar para Atlanta com a memória de seu beijo e encontrar alguém que possa tirar isso da minha mente. Vire-se — Polly fez

um gesto com o dedo. — Vamos tirá-la disso.

Levou quase vinte minutos para remover Ellie das camadas de renda.

Polly tinha acabado de guardar o vestido quando ouviu Alice chamar do corredor.

— Uma diligência está chegando à casa.

— Uma diligência? — Ellie disse, abrindo a porta. — Que estranho.

— Talvez o condutor esteja vindo para dizer que há gado na estrada?

Ellie deu uma risadinha.

— Vamos ver.

— Já estarei lá — disse Polly, fechando a caixa que continha o vestido de noiva.

Pena que ele diga que nunca vai se casar.

As palavras de Ellie ficaram em seus ouvidos.

Polly se perguntou o que ela poderia fazer para ele mudar de ideia.

CAPÍTULO 7



Hart Chapman era uma criança doce.

Ele seria exatamente o que Polly iria querer, se tivesse filhos.

Eles tinham acabado de jantar e Hart já havia comido dois pedaços de bolo de chocolate.

Fazia dois dias, desde que Caleb chegou em casa na diligência de Owl City. A família inteira estava segurando a beirada de seus assentos enquanto Caleb contava histórias sobre bandidos que estavam rastreando sua esposa Lydia e seu filho Hart. Agora seu filho.

Polly tinha certeza de que Marmee ia desmaiar de surpresa e ficou impressionada por ter seu primeiro neto. No dia seguinte, ela foi direto ao mercantil e comprou tudo o que um menino de sete anos poderia precisar.

Polly estava, simplesmente, apaixonada pelo menino quando ele fez o maior elogio por suas guloseimas assadas. Ela notou que Everett entrava na cozinha para roubar um biscoito quando achava que ela não estava olhando.

— Ouvi dizer que Brodie estava voltando por aqui — disse Caleb.

Marmee se endireitou na cadeira.

— Aquele homem não tem nada a ver aqui.

— Na verdade, ele tem.

— O que isso significa? — Owen perguntou.

— Podemos conversar, depois que alguém for para a cama. — Caleb apontou o queixo para Hart, que estava jogando bolinhas de gude com Polly.

— Ei, Hart —, disse Polly. — que tal irmos ao celeiro e ver se podemos encontrar os gatinhos, de que lhe falei? Acho que a mamãe gatinha os moveu, mas talvez eu saiba onde eles estão.

— Sério? — Os olhos do menino se arregalaram.

— Sério — Polly entregou-lhe uma bolsa de linho. — Por que não coloca suas bolinhas de gude no saco e depois as coloca na mesa, para não perdê-las?

Ela observou Hart se esforçar para reunir todas as suas bolas de gude e fazer o que havia pedido.

— Não precisa fazer isso — disse Lydia. Ela se sentou ao lado de Caleb, segurando sua mão enquanto conversavam depois do jantar.

— Não é um problema. Eu gosto da companhia dele — ela deu uma piscadela para Caleb. — Assim, terão tempo para conversar.

— Por que eu não vou junto, Polly? — Ellie disse se preparando para ficar

de pé. Owen pressionou a mão contra o seu ombro.

— Fique aqui, Ellie Beth. Precisa ouvir isso.

— Parece que isso afeta toda a família — disse Everett.

Polly não sabia por que estava magoada com essas palavras. Era uma dura lembrança de que ela não era da família. Ignorou a sensação quando Hart correu até ela.

— Eu as guardei.

— Vamos pegar seu casaco. Está ficando frio.

— Marmee disse que vamos fazer manteiga de maçã amanhã e que há um baile em dois dias. Será que mamãe vai me deixar ficar acordado por isso?

Polly certificou-se de que seu casaco estava seguro antes de bater no nariz.

— Tenho certeza de que se pedir e se comportar muito bem, poderá ir.

— Tchau mãe! Tchau Pa! Volto em breve.

— Espere por mim — Polly chamou, pegando seu xale de um gancho na porta. Ela se virou para olhar para trás na grande sala. — Uma hora?

Caleb assentiu.

— Isso seria ótimo, obrigado.

Polly colocou o xale sobre os ombros e saiu pela porta atrás de Hart.

O menino estava quase no celeiro quando Polly saiu na varanda.

— Hart! — ela chamou. — Espere por mim.

Hart parou perto da porta do celeiro. A frente deste abrigava os cavalos e as ferramentas. A parte de trás era onde o gado no pasto próximo se abrigava à noite.

— Ei, homenzinho —, disse um homem, ajoelhando-se na frente de Hart.
— deveria estar aqui sozinho?

— Estou aqui. Eu simplesmente não consigo acompanhar — Polly riu.

— Eu não a vi.

— Sawyer? Certo? — perguntou Polly.

O cowboy enfiou uma bandana no bolso de trás e se levantou.

— Isso mesmo. É a senhora da diligência.

Polly teve o bom senso de parecer um pouco envergonhada.

— Essa sou eu — disse ela.

— Senhorita Phillips?

— Por favor, me chame de Polly.

— Polly — Sawyer empurrou seu chapéu de cowboy para trás. — O que os traz, para o celeiro?

— Polly disse que havia gatinhos aqui.

— Pode haver. Não sei se a mãe os moveu ou não. Verifique a primeira barraca.

Hart foi correndo para dentro do celeiro.

— Não toque neles — disse Polly. — Obrigada. Eles precisavam ter uma reunião sem você-sabe-quem, então...

— Então, pensou em sair para olhar os gatinhos um pouco.

— Exatamente. Agora, é melhor eu ir buscar meu jovem protegido antes

que ele decida que quer montar a cavalo.

— Se importa se eu fizer companhia?

Polly sorriu.

— Eu ficaria encantada.

Sawyer estendeu o cotovelo e Polly colocou a mão e deixou que ele a conduzisse para o celeiro.



Everett viu toda a interação da varanda.

Ele havia seguido Polly e Hart com a intenção de levá-los para um passeio pelo riacho. Quando viu Sawyer conversando com eles e Polly rindo, a raiva queimou em seu peito. Então Sawyer teve a impertinência de lhe oferecer o braço. Everett esfregou o peito, desejando que a sensação fosse embora.

Nenhuma razão para ir para o celeiro agora. Sawyer cuidaria deles. Ele sabia que o cowboy gostava de Polly, pois havia mencionado vê-la pela fazenda. Toda vez que o nome de Polly aparecia, Everett desviava a conversa para outra coisa.

Respirando fundo, voltou para a casa e se juntou aos outros na grande sala.

No pouco tempo em que ele se foi, o caos irrompeu na sala de estar. Marmee estava sentada em sua cadeira com a cabeça entre as mãos soluçando. Weston estava esfregando suas costas e falando baixinho com ela. Ele ouviu as vozes de Owen e Oliver subirem e Caleb tentando acalmá-los.

Isso merecia uma xícara de café. Everett voltou para a mesa e pegou sua xícara.

— O que eu perdi? — ele perguntou enquanto ia encher sua xícara no fogão a lenha.

— Hart é neto de Randall e Verna.

Everett quase deixou cair sua xícara, o líquido quente espirrou contra sua pele. Ele colocou a cafeteira e a xícara de volta na beirada do fogão, para que pudesse limpar o café derramado com uma toalha. No momento em que pegou uma cadeira e puxou-a para onde todos estavam sentados, Caleb estava em sua explicação.

Lydia entrou na conversa, aqui e ali, mas principalmente manteve-se quieta.

— Bem, então... — disse Everett. — Sarah teve um bebê?

— Nós a conhecíamos como Vangie. Eu sei que ela se mudou bastante e depois que veio para minha casa, se acomodou, até que um da Gangue do Richard foi visto na cidade. Então, desapareceu novamente.

— Onde ela está agora? — perguntou Weston.

— Ela voltou para Boston para ver sua família. Ela esperava que Brodie a seguisse de volta ao leste e pudesse mantê-lo longe de Hart.

— Adotou o menino?

— Sim, Sr. Chapman. Adotei. Eu tenho os papéis assinados por Vangie e tudo.

— Então o menino é seu. Os Hartmans não têm direito a ele.

- Vangie insistiu que eu levasse o menino até lá. Que eles o protegeriam.
- Nós podemos protegê-lo — disse Owen.
- E o que vai fazer, Caleb — Oliver entrou na conversa.
- Não sei.

Everett se lembrou das palavras que Tot lhe disse naquela noite na fogueira.

- Precisa dizer a eles. Segredos têm uma maneira de comê-lo por dentro.
- Que profundo, Ev — Owen provocou. — Pensou nisso tudo sozinho?
- Não, eu não — ele retrucou. — Tot me disse.
- Acho que devo ir até lá e avisá-los.

— Não, Caleb, deixe-me ir — disse Lydia, apertando a mão de Caleb. — Vai soar melhor, vindo de mim.

- É minha esposa. Eu não vou deixar que faça isso sozinha.

Ela lhe deu um sorriso que poderia derreter gelo em um dia de inverno.

- Então vamos juntos.

- Eu vou te levar, Caleb. Deixe-me pegar a carroça — Weston ofereceu.

- Irão agora? — Marmee lamentou.

— Talvez seja melhor. Não se preocupe, Marmee. Ninguém vai tirar o menino de nós, mas se perdermos tempo, eles terão ainda mais motivos para dizer que estávamos afastando o neto deles.

- Pai —, disse Everett — deixe-me pegar a carroça com o senhor.

Weston fez uma pausa e olhou para o filho mais novo. Ele se inclinou e beijou a cabeça de Marmee.

— Não se preocupe agora, Ingrid. Vou arrumar tudo. Vamos — ele disse para Everett enquanto caminhava até a porta.

Quando eles estavam longe o suficiente de qualquer um que pudesse ouvir a conversa, Everett colocou a mão no braço do pai, desacelerando-o.

- Eu preciso te contar uma coisa.

- O que é?

Sem entrar em detalhes sobre Alice, Everett contou ao pai tudo o que havia acontecido. Incluindo Randall ameaçando-o se ele não se casasse com Annamae. Quando terminou, Everett esperou pela chicotada verbal que certamente receberia de seu pai.

Weston olhou para o filho com olhos gentis.

- Eu vou lidar com Randall. Não se preocupe com nada.

- O senhor, quer que eu vá com o senhor?

Weston balançou a cabeça.

- Volte para dentro. Estarei aqui em alguns minutos.

Everett entrou na casa e ouviu Marmee ainda chorando.

- Eu não sei o que farei se não puder ter Hart aqui.

— Pronto, pronto, Marmee — Ellie disse, dando um tapinha nas costas da mulher mais velha. — Vai dar tudo certo, tenho certeza.

Everett respirou fundo. Não havia dúvida do que ele teria que fazer. Para manter Hart em suas vidas, um dos Chapmans precisaria se casar com um Hartman.

Ele teria que se casar com Annamae.

CAPÍTULO 8



Polly acordou cedo e estava pensando no que vestir, quando Ellie finalmente acordou.

O sol ainda não tinha nascido, mas hoje era dia de manteiga de maçã. Marmee avisou-os para não se vestirem com nada que não pudesse ser arruinado. A manteiga de maçã era cozida em uma grande chaleira de cobre sobre fogo aberto e respingos, assim como brasas que estouravam e eram conhecidas por queimar pequenos buracos em vestidos. Infelizmente, Polly não tinha vestidos velhos com ela. Mesmo que tivesse, nenhum deles estaria pronto para o que ela chamava de fazenda.

Polly aprendeu que fazer manteiga de maçã e espremer cidra era um negócio para o dia todo, e alguns dos vizinhos até apareciam com carroças cheias de maçãs para cozinhar nas grandes chaleiras de cobre ou espremer o suco saboroso que fermentaria em barris de madeira. No final do dia, uma grande refeição era servida para celebrar a colheita da maçã e todos iam para casa com potes de manteiga de maçã ou suco de maçã prensado.

Ela havia passado pelo celeiro, enquanto vários cowboys preparavam um dos porcos menores para o jantar. Tot passava a noite inteira e a maior parte do dia untando-o com manteiga até que a pele estivesse estalando e a carne caísse dos ossos.

Mas saiu rapidamente do celeiro, preferindo não ver os cowboys limpando o porco. Everett insistiu que o animal não sofria, mas Polly fez uma nota mental para não jantar depois que todas as maçãs estivessem prontas. Ela não ignorava de onde vinha a carne, mas vê-la de perto realmente a fez pensar.

Ela sabia que os Chapman cuidavam de todos os animais do rancho. Cada animal tinha um propósito, fosse trabalhar no campo ou fornecer comida; eles nunca davam por certo o que o rancho oferecia.

Polly nunca tinha ido a um churrasco antes ou provado manteiga de maçã. Mal podia esperar para experimentar tudo o que o dia tinha a oferecer... exceto o jantar. Ela poderia até passar algum tempo com Everett. O belo cowboy estava em sua mente o dia todo e agora, invadia seus sonhos. Parecia que ela não conseguia escapar de Everett Chapman. *Melhor ter um amigo do que um inimigo*, ela pensou, determinada a tentar fazer as pazes com seus pensamentos.

— Bom dia — disse Ellie, esticando-se antes de balançar as pernas para o

lado da cama. — Dormiu bem?

Polly respondeu enquanto olhava para o guarda-roupa.

— Não tenho ideia do que vestir hoje.

Ellie se levantou e procurou por opções.

— Que tal esse? — ela perguntou, puxando um vestido xadrez azul. — Já tem isso há anos.

Polly mordeu o dedo em pensamento.

— Eu acho. É um dos meus vestidos de dia favoritos.

— Tenho certeza de que Marmee, tem um avental que poderá usar. — Ellie enfiou a mão no armário e tirou o vestido marrom mais sem graça que Polly já tinha visto. Havia um avental que ia até o pescoço e amarrado na cintura. Isso lembrou Polly dos aventais na escola.

— Eu não posso usar isso.

— Por que não?

— Não é meu. E marrom não é minha cor.

Ellie riu.

— Marmee disse que, qualquer coisa que estivesse neste armário, nós éramos livres para usar. — Ellie remexeu um pouco mais e tirou uma saia longa que estava dividida no meio. A segurou contra ela e levantou a perna, exagerando o tecido esvoaçante. — Talvez eu use isso.

— Elenore Elizabeth, ora, elas são indecentes.

— É uma saia de montaria. — Ellie voltou para sua cama. — Não é maravilhosa? Nunca vi nada parecido em Atlanta. Alice as usa, assim como Penny e Marianne.

— Essas são as outras duas irmãs?

— Sim. Eles voltaram para Denver uns dias atrás — Ellie se inclinou para frente e baixou a voz. — Não diga nada, mas acho que Penelope pode estar no caminho da família. — Ellie imitou uma barriga redonda na frente dela.

— Ellie! Foi por isso que ela teve que ir para Denver?

Ellie piscou várias vezes e franziu a testa.

— Não. O que te faz dizer isso?

— Você sabe — Polly sussurrou, repetindo o sinal que Ellie tinha acabado de usar.

Enviar jovens arruinadas para visitar uma tia por dez meses era uma prática conhecida no sul. Poupava a família de qualquer ridículo e quando a jovem voltava sua reputação não estava em frangalhos.

Ellie riu.

— Ah, não, ela não foi mandada embora. O marido dela mora lá. Os maridos de Marianne e Penelope trabalham para a Agência de Detetives Pinkerton.

— Isso soa emocionante. Conheceu as duas?

— Apenas Penélope. Sem dúvida, gostaria dela. Ela me lembra você. Marianne é sua gêmea, mas ela não volta para casa há um bom tempo.

— Hmmm.

Ellie jogou a saia de montaria de lado.

— Acho que vou usar aquele vestido verde.

Polly pegou o vestido marrom e o avental e os colocou sobre a cadeira. Foi até a pia e a encheu com água fria de uma jarra. Rapidamente se lavou e depois tirou a camisola. Ela deslizou a camisa sobre a cabeça e colocou as pernas através de um par de calças de flanela, amarrando-as na cintura.

Ela nunca tinha usado calças de flanela antes. Em Atlanta, as temperaturas não esfriavam o suficiente, então as roupas íntimas de Polly eram feitas de linho. Estava grata por Ellie ter um par que ela pudesse usar.

Pegou seu espartilho, colocando-o em torno de seu corpete e começando a puxar as cordas.

— Não precisa usar isso, Polly — disse Ellie.

— Por que não?

— Vai ficar de pé a maior parte do dia, debruçada sobre uma mesa ou uma chaleira. Aposto que dentro de uma hora, irá desejar não estar com ele.

— Mas isso é indecente.

— Já notou que muitas das mulheres aqui não usam espartilhos, exceto quando elas vão visitar?

— Não prestei muita atenção.

— Talvez, devesse.

Polly pegou o vestido e o colocou sobre a cabeça. Como ela não estava usando um espartilho, o tecido era um pouco mais apertado do que gostaria, então ela percebeu que os ganchos estavam segurando a parte de trás do vestido fechada.

— Ellie, socorro! — ela disse, com as mãos no ar, acenando com o tecido.

— Fique quieta, Polly — ela sentiu Ellie soltar a parte de trás e puxar o vestido pela cabeça.

— Uau! — Polly exclamou, sacudindo o vestido até os tornozelos. — Pode me prender de volta?

— Vire-se. — Ellie rapidamente enganchou o vestido e ajustou a gola. Ela entregou o avental para Polly.

Polly colocou no pescoço e amarrou nas costas. O avental era de algodão azul claro com costura nas bordas. Havia um bolso na frente. Ela colocou a mão e puxou vários pedaços de fiapos.

— Está parecendo uma pioneira.

Balançando os dedos para soltar o fiapo, Polly caminhou até o espelho e pegou sua escova. O vestido não era horrível, por si só. Simplesmente não era o estilo dela. Era um vestido de fazenda muito funcional, e se Polly quisesse fazer o papel, ela precisaria se vestir com roupas funcionais.

Ellie rapidamente se trocou, vestindo um vestido verde sem gola. Encontrou um avental no armário e o usou para cobrir o vestido.

— Preparada? — Ellie perguntou.

Polly a seguiu até a grande sala. Embora ainda estivesse escuro lá fora, a sala estava cheia de atividade. Marmee estava à mesa. Várias cestas de maçãs

estavam sobre esta, junto com três tigelas esmaltadas. Polly pôde ver que uma continha água. Havia também uma pequena jarra e potes adicionais empilhados em uma cadeira.

— Bom dia — Marmee disse uma vez que ela as percebeu. — Há biscoitos e presunto frio no fogão junto com café. Sirvam-se.

Polly pegou uma xícara de um gancho e encheu de café. Entregou a Ellie e depois se serviu de uma xícara.

— Quer alguma coisa para comer? — Ellie perguntou.

Polly balançou a cabeça e levantou a xícara para inalar o aroma profundo do café. Não era sua bebida favorita, mas havia algo na maneira como Marmee a fazia que a tornava saborosa. Weston brincou com ela dizendo que o ingrediente secreto de Marmee, era o amor.

Polly puxou uma cadeira e sentou-se em frente a Marmee. Havia um grampo de ferro fundido preso à mesa com um prego na frente e o que parecia ser a roda de uma máquina de costura presa na parte de trás.

— Para que isso? — Polly perguntou, usando o dedo para girar o volante. Ela notou que o espigão virou.

— Isso pode descascar uma maçã mais rápido do que pode fazer com a mão. E descaroça ao mesmo tempo também.

Polly notou um anel de metal preso a uma mola na frente do dispositivo.

— Bom dia — Alice disse entrando na sala. Ela serviu uma xícara de café e se juntou às mulheres na mesa.

O resto dos Chapmans entrou lentamente na sala. Willow sentou-se ao lado de Marmee. Oliver colocou uma xícara de café na frente dela.

— A vejo em breve, querida — disse ele, beijando sua cabeça, antes de tomar sua xícara de café e se dirigir para a escuridão.

— Traga essa xícara de volta, Oliver — Marmee chamou por ele.

— Bom dia — disse Caleb, mancando pela sala. Sua perna ainda estava cicatrizando e precisava usar muletas para se locomover. Lydia caminhou ao lado dele, a mão em suas costas para firmá-lo enquanto ele caminhava.

— Vai cortar maçãs ou sair, filho? — perguntou Marmee.

— Vou tentar sair para jantar, mas agora é melhor eu ficar aqui e ajudar. — Ele mancou até a ponta da mesa e caiu na cadeira, entregando a Lydia suas muletas. Ela as colocou no sofá e depois foi pegar café e um biscoito para Caleb.

Alguns momentos depois, Owen e Everett entraram na sala. Polly sentiu sua respiração falhar quando olhou para Everett. Seu cabelo estava espetado em todas as direções e ele esfregou os olhos enquanto caminhava até o fogão.

— Bom dia — Owen disse, puxando uma cadeira ao lado de Ellie. — Dormiu bem, querida? — Ellie assentiu e se inclinou para beijar sua bochecha.

— O que irá fazer hoje? — ela perguntou.

— Vou espremer maçãs no pomar.

— Costumávamos espremer maçãs em Kansas City — disse Willow. As

orelhas de Polly se animaram. A jovem raramente falava e, quando o fazia, não compartilhava nada pessoal. — O pai guardava para cidra forte, mas na maioria das vezes se transformava em vinagre.

— Vamos colocar em barris até virar vinagre — disse Marmee. — Posso usá-lo para conservar vegetais no ano que vem.

— A senhora, faz cidra forte? — perguntou Polly. Owen bufou.

— Marmee não vai ter uma gota de álcool no rancho — disse Everett em torno de pedaços de biscoito recheado com presunto. — Isso não impede que algumas pessoas guardem alguns potes, na esperança de fazer um pouco de cidra.

— Como quem? — Marmee perguntou.

— Não cabe a mim citar nomes, Marmee — respondeu Everett. Ele deu um tapinha nas costas de Owen. — Vamos, Romeu. Dê a Julieta sua carta e vamos lá fora. Eu tenho que acender o fogo.

Polly viu Owen entregar uma folha dobrada para Ellie. Ela tocou o papel antes de deslizá-lo em seu bolso. Ele deu uma piscadela e beijou sua bochecha.

— Se ficar entediada, pode vir pensar maçãs comigo — ele se afastou da mesa e foi em direção à porta.

Everett roçou Polly enquanto passava e ela sentiu arrepios nas costas, onde ele a tocou.

— A vejo em breve — disse ele.

— Tchau — Polly disse suavemente. *Tchau?* Isso foi tudo o que ela conseguiu. Fechou os olhos e contou até três antes de abri-los novamente. Ellie estava olhando para ela. — O quê?

— Nada — disse Ellie.

— O Sr. Chapman já está lá fora? — Polly perguntou tomando outro gole de seu café.

— Não. Ele ficou com Tot a noite toda. Eu não dormi nem uma piscadela.

— Marmee jogou os cachos que estavam pendurados em seu gorro.

— Por causa da emoção de hoje? — Ellie perguntou.

— Não. Eu só não durmo a menos que ele esteja ao meu lado. Posso contar facilmente nos dedos o número de vezes que dormi sozinha — ela passou duas facas pela mesa e deu uma para Willow. — Precisamos lavar, descascar, tirar o caroço e cortar as maçãs. Essa tigela é para lavar, esta tigela é para todos os restos. Vamos dar isso aos porcos mais tarde. E esta tigela — ela disse apontando com sua faca. —, tem água com um pouco de vinagre.

— Para que é isso? — perguntou Polly.

— Isso garante que as maçãs não fiquem marrons. Mas não deve deixá-las lá porque a manteiga de maçã fica amarga.

Polly pegou sua faca e uma maçã da cesta. Depois de mergulhá-la na água, observou Marmee descascar a maçã e fazer o trabalho rápido de remover o caroço e cortar a maçã em pedaços pequenos. Ela os mergulhou na solução de vinagre e depois os colocou em uma tigela vazia. Quando a tigela estava

cheia, Alice mostrou a Willow, Ellie e Polly como colocar as maçãs em uma das três grandes chaleiras de cobre no quintal.

A viúva Baker veio ajudar, com quatro de seus seis filhos. Ela era muito falante, contando a Marmee as fofocas locais da cidade. Suas filhas, no entanto, não estavam interessadas em ajudar. O que queriam mesmo, era perseguir Hart pelo quintal. Elas ficaram animadas, quando ele prometeu mostrar os gatinhos.

Levou várias horas e quatro xícaras de café para terminar os seis alqueires de maçãs que estavam na grande sala. As mulheres se revezavam andando do lado de fora e colocando as maçãs cortadas nas grandes chaleiras de cobre. Everett, Sawyer e Rich trabalharam nas três chaleiras. Vários outros cowboys estavam sentados ao lado esperando para aliviá-los ou adicionar mais lenha ao fogo. Um deles até tinha um violão e estava dedilhando suavemente uma música que Polly não reconheceu.

Quando foi a vez de Polly levar maçãs para a chaleira, ela as colocou na chaleira de Sawyer. Estava voltando para casa quando parou para admirar Everett mexendo as maçãs. Ele usava uma espécie de remo no final de uma longa alça. Enquanto ele puxava o remo pelas maçãs, Polly podia ver que havia buracos na madeira.

Ele havia tirado o casaco e sua camisa estava encharcada de suor. As mangas de sua camisa estavam arregaçadas até os cotovelos e Polly podia ver que seus braços eram cobertos de pelos castanhos claros. Enquanto ele arrastava o remo pela espessa mistura de maçãs, os músculos de seus antebraços se contraíam e veias apareciam logo abaixo da pele. Era fascinante.

Ele estava movendo o remo para trás quando notou Polly parada ali.

— Quer tentar? — ele perguntou. Polly assentiu. Colocando a panela esmaltada no chão, ela se moveu para pegar o remo de Everett. — Coloque suas mãos aqui — ele disse demonstrando. — e continue indo e voltando. Não pare.

Polly assentiu e colocou as mãos exatamente onde Everett a mostrou.

— Assim? — ela disse, tentando empurrar a pá pela mistura grossa de maçã. Foi mais difícil do que ela esperava, e o calor do fogo abanou seu rosto. Ela teve que apertar os olhos para ver o que estava fazendo.

Ela sentiu Everett se aproximar e colocar a mão em suas costas.

— Precisa colocar as mãos mais perto do final do remo e usar as costas para trabalhar para frente e para trás.

Ela fez o que ele disse, e foi mais fácil. Tentou se concentrar no remo de madeira movendo-se pela chaleira, mas foi difícil quando sentiu arrepios onde Everett estava com a mão. Depois de alguns minutos, suas costas começaram a doer e ela estava se sentindo corada pelo fogo.

— Quanto tempo eu tenho que fazer isso?

— O molho de maçã estará pronto em breve e então levará o resto do dia para a manteiga de maçã.

— Não é de admirar que as mulheres não usem espartilhos — ela murmurou. Se ela estivesse com um, provavelmente desmaiaria por falta de ar. Everett deve tê-la ouvido quando ele tirou a mão de suas costas. Desejou não ter dito nada, se isso significasse que ele ainda a estaria tocando.

Antes que ela pudesse se desculpar por seu comentário, o som de cavalos pôde ser ouvido vindo em direção à casa. Polly olhou, mas não reconheceu o homem e a mulher que vinham. O homem parecia sombrio e misterioso. Estava vestido de preto e seu chapéu estava puxado para baixo. A mulher parecia pálida e muito frágil. Ela tinha círculos avermelhados sob os olhos e suas bochechas estavam encovadas.

Eles cavalgaram até a varanda e amarraram seus cavalos longe do calor das chamas.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou Everett. Polly não sabia dizer se ele estava satisfeito ou não.

— Ev —, o homem de cabelo escuro disse. — viemos para ver se podíamos conhecer Hart.

— Hoje está bastante ocupado.

— Eu sei, mas pensamos que poderia ser um bom momento porque seríamos apenas mais um conjunto de vizinhos.

— Mas não é — respondeu Everett.

— Não disse que poderíamos parar para conhecê-lo?

— Onde está o resto de seus parentes?

— Somos só eu e Chat agora — disse a mulher pálida. — Pa disse a Ma que ela não vem, e os meninos bem... eles ainda não tinham certeza.

O som de risadinhas encheu o ar enquanto Hart agora estava perseguindo as quatro garotas. Ele tinha um sapo em ambas as mãos e o segurava enquanto corria pelo quintal. Quando Hart avistou os dois estranhos, parou.

— Quem é a senhora? — ele perguntou.

Polly podia ver que as lágrimas estavam começando a se formar nos olhos da mulher.

— Ele se parece com Vangie — disse ela, levando os dedos pálidos aos lábios.

— Ei — Hart disse colocando o sapo no bolso da frente de suas calças. — Eu tenho uma tia Vangie.

— Tem? — a mulher perguntou ajoelhada na frente dele. — Eu tinha uma irmã chamada Vangie. Seu nome verdadeiro era Evangeline Sarah. Eu era a única que a chamava assim. Ela desapareceu, mas estou feliz que esteja aqui.

Hart espremeu seu rosto.

— Isso nos torna parentes?

— Sim. Sim.

— Quem é, a senhora? — o menino perguntou novamente.

— Eu sou sua tia Annamae. E este é o seu tio Chat.

— É bom ter uma família novamente — Hart enxugou as mãos cobertas de gosma na camisa. — Ei, tio Everett. Posso fazer isso? — ele perguntou

apontando para o remo.

Polly percebeu que havia parado de se mexer. Ela rapidamente moveu a pá novamente, pois não queria ser responsável se as maçãs queimassem na panela.

— Mais tarde — disse Everett ao menino. — Vai precisar lavar as mãos.

As quatro meninas vieram e cercaram Hart.

— Não vai nos perseguir? — a menina mais velha perguntou. Ela não podia ter mais de oito anos.

— Nah, eu terminei.

— Onde está seu sapo? — outra perguntou.

— No meu bolso.

— Vai tirar? — Hart balançou a cabeça.

— Quero ver os gatinhos de novo — disse a mais nova das três. Polly pensou que ela poderia ter cerca de quatro anos.

— Vamos, Lolly, vamos. — a menina mais velha pegou as mãos das outras duas e as puxou para o celeiro.

— Essas são, suas irmãs? — Annamae perguntou a Hart.

Hart balançou a cabeça.

— Não. Elas vivem na estrada. Essa é a Cissa. Eu vou me casar com ela.

Annamae deu uma risadinha.

— Tudo bem. Vou me casar com Everett — disse ela.

Polly deu um pequeno suspiro e quase deixou cair o remo. Seus olhos se voltaram para Everett. Sua mandíbula estava apertada, e ela podia ver o músculo em sua bochecha. Ela estava prestes a dizer algo quando ouviu o ranger das dobradiças da porta.

Marmee e Alice saíram de casa segurando dois potes esmaltados. Enquanto desciam as escadas, Marmee parou quando viu Annamae e Chat parados ao lado da chaleira de cobre.

— Annamae — Marmee disse caminhando para a varanda — O que te traz aqui?

— Bem, pensamos que seria uma boa ideia vir conhecer nossos parentes.

Hart estava correndo em direção ao celeiro pedindo às meninas que esperassem.

— Se não for uma boa hora, Sra. Chapman, podemos voltar mais tarde. O Sr. Chapman nos disse para passarmos por aqui. Ele até sugeriu que viéssemos hoje — disse Chat.

Marmee rapidamente se recompôs e caminhou até a chaleira e adicionou sua panela de maçãs à mistura fervendo.

— Não. Não é um problema. Quanto mais mãos, melhor.

— Não viemos a um dos seus dias de manteiga de maçã há muito tempo.

— Faz muito tempo, Annamae. Sabe que eu vou colocá-la para trabalhar

— Marmee empurrou seus cachos para trás. — Como está sua mãe?

— Ela está bem.

— Ela não quis vir?

— Eu não acho que esteja pronta para vir, ainda.

— Bem, diga a ela que é bem-vinda aqui a qualquer hora. Vamos ter o baile amanhã à noite e quero que fique para o jantar esta noite.

— Obrigado pela gentileza, Sra. Chapman, mas não devemos demorar muito. O pai não queria que viéssemos aqui - disse Chat

— Nunca me chamou de Sra. Chapman antes. O que aconteceu com Marmee?

Chat deu uma risadinha.

— Obrigado, Marmee.

Alice desceu os degraus e parou na frente de Chat.

— Eu tenho que levar isso para os porcos.

Chat pegou a tigela esmaltada cheia de pedaços de maçã.

— Deixe-me ajudá-la — disse ele.

Polly observou Alice e Chat caminharem em direção ao celeiro. Era evidente que Alice tinha sentimentos por seu vizinho.

— Esse é o último — disse Marmee olhando para o pote. — Vou começar a preparar os potes para o molho de maçã.

— Eu ouvi Hart mencionar gatinhos — disse Annamae, olhando para Everett. — Talvez possa mostrá-los para mim.

— Eu tenho que ficar de olho nisso.

— Eu cubro o senhor, chefe — disse um dos cowboys, dando um passo à frente para pegar o remo de madeira de Polly.

Everett olhou para Polly e depois de volta para Annamae. Ele pegou sua jaqueta de couro e a pendurou no ombro.

— Acho que tenho uma folga.

Annamae sorriu e agarrou o braço de Everett, levando-o em direção ao celeiro. Ela tinha a excitação de uma criança e Polly bufou que Everett iria querer se casar com alguém tão jovem. Enquanto caminhava de volta para a casa, o pensamento a deixou sombria. Ela se virou e viu Everett rindo de algo que Annamae disse, enquanto caminhavam para o celeiro.

Não importava se ele ia se casar com aquela jovem. Não era da conta de Polly. Por que, então, seu coração doeu ao vê-los desaparecer no celeiro?

CAPÍTULO 9



— Está planejando se esconder aqui a noite toda?

Polly observou Ellie entrar no quarto e fechar a porta.

— Estou dormindo — disse com os olhos fechados.

Ellie riu.

— Não está dormindo.

Polly abriu um olho.

— Como sabe?

— Porque, está falando comigo. — Polly sentiu a cama mais baixa quando Ellie se deitou ao seu lado. — Acho que vou dormir também.

Polly rolou de lado e olhou para sua melhor amiga. Ellie estava com os olhos fechados. Ela respirou fundo e fingiu roncar. Polly não conseguiu segurar o riso por mais um momento. Ellie abriu os olhos e riu também.

— O que está fazendo aqui, El? Deveria estar aproveitando seu tempo com Owen.

Ellie rolou para o lado, colocando as mãos sob a cabeça.

— Senti a sua falta. Desapareceu e só temos um pouco mais de tempo juntas, antes que vá para casa.

— Eu sei.

— Eu estava esperando que pudesse encontrar uma razão para ficar.

— Eu ficaria por você, Ellie, e somente. Não há mais nada me mantendo aqui.

— Nem mesmo um cowboy bonito?

— Nem mesmo um cowboy bonito.

— Vejo que Sawyer a notou.

— Ele tem sido muito gentil, mas não há nada além.

— O que aconteceu com Everett?

— Ah, Ellie. Ele vai se casar com aquela mulher que apareceu hoje.

— Annamae?

Polly assentiu.

— Eu não vou atrapalhar isso.

— Ela é boa quando a conhece. Mas ela me lembra uma criança. Acho que a febre prejudicou seu cérebro.

— Eu não quero conhecê-la.

— Venha sentar lá fora comigo, Polly. Todos estão reunidos ao redor do

fogo e os cowboys estão contando histórias. Deveria ouvir algumas das histórias que Caleb estava contando sobre a viagem do Texas. É bastante emocionante.

— Deve ser, se isso fez com que a perna dele quebrasse.

— Não terá que falar com ninguém — Ellie fez beicinho. — Por favor?

Polly rolou de costas.

— Tudo bem. Eu só estou fazendo isso, por você.

— Isso é bom o suficiente. — Ellie pulou da cama e correu, agarrando a mão de Polly. — Estou muito feliz, por estar aqui comigo.

— Eu também, El. Eu também.

Polly permitiu que Ellie a puxasse para o ar noturno. A temperatura havia caído, e Polly colocou o xale em volta dos ombros. Elas passaram pelas chaleiras que ainda estavam cozinhando. A manteiga de maçã, cozinharía durante a noite e estaria pronta para ser enlatada pela manhã. Uma vez que os temperos foram adicionados, a mistura só precisava ser misturada a cada uma hora. Vários cowboys se ofereceram para ficar acordados e mexer a mistura.

— Eu estava lhe procurando — disse Owen, aproximando-se e colocando o braço em volta dos ombros de Ellie.

— Foi minha culpa — Polly entrou na conversa. — Eu não estava me sentindo bem, e Ellie foi me olhar.

— Está se sentindo melhor?

— Estou, obrigada.

— Todo mundo está aqui perto do fogo. Venha se juntar a nós — ele ofereceu.

Polly os seguiu e se sentou em um dos troncos que haviam sido enrolados ao redor da fogueira. Weston passou e entregou-lhe uma xícara. — Isso vai aquecê-la — disse ele.

Polly pegou a xícara e a ergueu para que pudesse ver o que havia dentro. Tinha um aroma frutado com canela.

— O que é isso?

— Sidra quente, das prensas desta tarde.

Polly tomou um gole, permitindo que os sabores explodissem em sua língua. Era doce com apenas um pouquinho de calor.

— Obrigada, está deliciosa.

Weston contornou o fogo e sentou-se ao lado de Marmee.

Polly examinou o grupo de pessoas sentadas ao redor do fogo. Ela podia ver Alice conversando com Chat Hartman. Willow estava encostando a cabeça no ombro de Oliver. Polly podia ver seus olhos se fechando. Ela não viu Everett ou Sawyer. *Eles deviam ter ido ao celeiro para checar os cavalos durante a noite*, Polly pensou.

Um cowboy começou a cantar e logo a voz suave de soprano de Marmee, se juntou. Todos ouviram a voz dela no ar. — *“Weep no more my lady, oh! weep no more today! We will sing one song for the old Kentucky home.”*

Mais vozes se juntaram para a última linha da música e até Polly cantou

com elas. — “*For the old Kentucky home far away.*”

Polly olhou para o fogo, permitindo que suas preocupações se dissipassem com o bruxulear da chama. A bebida aqueceu suas entranhas, enquanto ela tomava um gole. Ocasionalmente o fogo estalava, e risos podiam ser ouvidos enquanto uma brasa perdida voava pelo ar. Enquanto ela se concentrava nas chamas laranja e vermelha, uma sombra bloqueou sua visão.

— Posso lhe fazer companhia? — a sombra perguntou.

Polly olhou para cima e viu Annamae parada ali.

— Estou surpresa que ainda esteja aqui — disse ela.

— Eu também, mas aproveitamos muito o dia de hoje e o tempo voou — Annamae deu um pulo na última palavra.

Polly se agachou e enfiou a saia bem apertada em volta das pernas. Ela sentiu Annamae sentar-se ao seu lado.

— Fez falta esta noite.

Polly tomou um gole de sua bebida.

— Eu não sei quem teria sentido minha falta.

— Bem, Hart perguntou por você. Ele é um menino tão doce. Me lembra muito minha irmã. Sawyer sentiu sua falta. Até Everett perguntou onde estava, assim como alguns dos cowboys. Acho que é, extremamente popular.

— Não sei por quê. Não estou aqui há tempo suficiente para impressionar alguém.

— Ah, está errada — Annamae colocou a mão no braço de Polly. — Todo mundo falou sobre como está na moda. Como é gentil com todos e o quanto ama os animais. Eles até falaram sobre o quão maravilhosa é a sua comida.

— Eu tenho praticado. Estou fazendo o bolo para o casamento de Owen e Ellie.

— Sabe que Ellie ia se casar com meu irmão, Frank?

— Ah, eu não sabia... quer dizer, eu sabia, mas não... — Polly fez uma pausa tentando organizar seus pensamentos. — Sinto muito pela sua perda. Eu sei que Ellie gostava muito dele quando se correspondiam.

— Ela disse que a encorajou a responder ao anúncio de Frank.

— Sim. E estou feliz por ter feito isso.

— Eu sei que Frank a teria amado, mas o jeito que Owen olha para Ellie é... eu não sei — Annamae suspirou. — Tão romântico!

— Isso é.

— Quero ter um amor assim.

O estômago de Polly começou a revirar. Ela queria escapar de volta para dentro de casa. Não queria ouvir sobre os sentimentos de Annamae sobre o amor.

— E eu tenho certeza de que terá — Polly se moveu como se fosse se levantar. — Se me der licença.

— Espere! — Annamae disse, puxando-a de volta para baixo. — Eu estava pensando se poderia me ajudar.

— Te ajudar?

— Sim. Everett me disse que é uma das mulheres mais bonitas que ele já conheceu.

Polly franziu a testa.

— Ele disse? — Annamae assentiu. — Com o que precisa de ajuda?

— Bem —, disse Annamae, esfregando as mãos na frente de sua saia. — fomos convidados para o baile do celeiro amanhã à noite e eu queria saber se poderia me ajudar com meu cabelo e vestido.

— Ajudar? — Polly, queria gritar não e bater os pés. Ela fechou os olhos e contou até cinco, abrindo-os de volta para focar nas chamas à sua frente. — Eu não acho...

— Por favor — Annamae implorou. — Quero estar no meu melhor amanhã à noite. — Ela olhou através do fogo e os olhos de Polly seguiram. Everett e Sawyer voltaram, e ambos estavam olhando na direção dela. Sawyer ergueu a mão em saudação.

— *Claro que sim* — Polly disse baixinho.

— O que disse?

Ela olhou para a jovem que a olhava com expectativa.

— Eu disse, é claro, que posso ajudá-la.

Annamae, quase abraçou Polly.

— Obrigada — disse ela animadamente. — Preciso chamar o Chat, devemos ir para casa. Papai vai ficar bravo por termos ficado tanto tempo fora. Estarei aqui amanhã no início da tarde.

Polly observou a jovem pular para o irmão e sussurrar algo em seu ouvido. Ela o viu assentir e então se inclinar para dizer algo a Alice. Era tão leve, que se ela piscasse, teria perdido, mas Chat afastou um dos cachos de Alice e seus lábios suavemente roçaram sua bochecha enquanto falava com ela.

Polly rapidamente desviou os olhos, envergonhada por ter visto um momento tão íntimo. Olhando em volta, notou que ninguém mais parecia ter testemunhado.

— Me ouviu? — Ellie estava falando em seu ouvido.

— Ouvi o quê?

— Marianne e Penny chegam amanhã. O xerife Briggs trouxe um telegrama ao Sr. Chapman esta noite.

— Isso é maravilhoso. Tenho certeza de que Marmee está na lua. Espero que eles cheguem a tempo para a dança.

— Sim, mas isso não é tudo.

Polly virou-se para olhar para a amiga.

— Então o que é?

— Owen perguntou se eu queria trocar nossos votos em dois dias.

— Tão cedo? Achei que estava esperando até mais perto de novembro.

Ellie agarrou a mão de Polly e a apertou.

— Eu não posso esperar. Eu me casaria com ele agora se pudesse.

— Eu sei que o faria — Polly ignorou a conversa de Ellie sobre se casar e desapareceu em seus pensamentos.

Se sua amiga se casaria em dois dias, então não havia nenhuma razão para que ficasse em Flat River depois disso. Se ela mandasse um telegrama amanhã, a diligência chegaria no sábado de manhã para buscá-la. Mas como ela chegaria à cidade para enviá-lo?

Lembrou-se de Ellie dizendo que o xerife havia entregado a mensagem ao Sr. Chapman. Talvez ela pudesse pedir a ele para enviar uma mensagem à diligência de que estaria pronta para sair. Ela só precisava perguntar ao Sr. Chapman onde poderia encontrar o xerife Briggs.



Annamae chegou exatamente como havia prometido, com um vestido puído em alguns pontos. Quando Polly perguntou a ela sobre isso, ela disse que era o único vestido que possuía. Polly não hesitou em pegar seu vestido favorito para dar a Annamae. O azul acentuava seus olhos e complementava seu cabelo claro.

Polly escovou o seu cabelo até que ele brilhasse e então o enrolou em um coque com vários cachos pendurados. Usou um pouco de pó sob seus olhos, para esconder a vermelhidão e um pouquinho de ruge para colorir os lábios.

Quando Polly a olhou no espelho, era difícil acreditar que era a mesma garota que havia chegado poucas horas antes. Annamae foi sentar-se na grande sala para conversar com Marmee e esperar a dança começar. Ela era uma menina doce, pensou Polly. Talvez um pouco simples em sua educação, mas uma menina doce do mesmo jeito.

Depois que terminou de ajudar Annamae, Polly se preparou. Ela usava um vestido de seda azul escuro com renda na gola e nos pulsos. Era o vestido mais simples que possuía, ao lado do vestido de dia que ela deu a Annamae. Tinha dormido com rolos de pano na noite anterior, então seu cabelo já estava enrolado. Decidiu por usar o cabelo solto, amarrando-o na base do pescoço com uma fita. Um par de pequenos brincos de pérola completava sua roupa e ela estava pronta para descobrir o que era uma dança de celeiro.

Não demorou muito para um dos cowboys puxar um violino e a dança logo começou. Outro juntou-se com um banjo e, finalmente, um violão. A música estava animada, e Polly não podia deixar de bater palmas e bater os pés com o ritmo. Até Tot estava balançando sozinho para o lado. Hart estava dançando com Alice, seus pezinhos tentando acompanhar a dança folclórica, Virginia Reel. Caleb e Lydia permaneceram na casa enquanto a perna de Caleb se recuperava.

O celeiro havia sido esvaziado e fardos de palha estavam empilhados para que as pessoas pudessem se sentar. Casais dançavam no meio do celeiro, balançando os braços e movendo-se em círculo. Ela viu Annamae dançando com Rich, o rosto da jovem brilhando de alegria enquanto se movia pela pista de dança. Francamente, Polly ficou aliviada por Rich não ter falado em escotá-la até o celeiro. Ele era um bom rapaz, mas não era... Everett.

Owen e Ellie dançavam rapidamente no ritmo da música. Owen pegou sua amada em seus braços, balançando-a tanto que os pés dela saíram do chão.

Até Marmee e Weston foram pegos no momento.

Oliver e Willow, estavam no canto com Penelope e Marianne. Willow, não gostava de estar perto de grandes grupos de pessoas, especialmente homens. Ela teve sorte de Oliver, ser um protetor tão bom.

Polly nunca rira tanto em sua vida como quando passava um tempo com Marianne e Penelope. Gêmeas idênticas, eram tão diferentes quanto a noite e o dia. Marmee ficou em êxtase quando ambas chegaram mais cedo naquele dia e não havia dúvida de que Marmee, seria avó na primavera. Duas vezes.

Seus olhos olharam para onde Everett estava, mas ele havia desaparecido.

— Polly, posso ter essa dança? — perguntou Sawyer.

— Eu adoraria — disse ela.

Enquanto Sawyer a acompanhava até a pista de dança, Polly olhou por cima do ombro para ver para onde Everett poderia ter desaparecido. Ele estava longe de ser encontrado. A música começou e Polly se viu nos braços de Sawyer quando começou a movê-los pela pista de dança. Ele agarrou a mão dela, girando-a várias vezes. Polly se sentiu tonta, com o celeiro girando ao seu redor. Durante um giro, Polly espiou Everett ao lado de Oliver. Ele tinha uma carranca no rosto, enquanto observava os casais dançando.

Polly olhou em volta e viu Annamae dançando com outro cowboy cujo nome ela não conseguia lembrar. Quando a dança terminou, ela agradeceu a Sawyer e voltou para os fardos de palha.

Chat chegou com uma senhora mais velha que vestia uma saia cinza simples com uma blusa branca. Seu cabelo grisalho estava preso em um coque contra sua cabeça. Dava a ilusão de que seu rosto, estava sendo puxado para trás.

Marmee deve tê-los visto também, enquanto corria e abraçava a mulher. Weston deu um tapinha nas costas da mulher enquanto a guiavam para uma mesa posta com refrescos. Tot parou de dançar e foi até a mesa. Polly viu a cor deixar o rosto da mulher. Os dois devem ter história, e ela se perguntou o que seria.

— Está se divertindo?

Polly olhou para cima para ver Everett ao lado dela.

— Sim. Estou. Foi uma tarde divertida.

— Quando irá embora?

Polly franziu a testa. *Ele estava pronto para deixá-la ir?*

— Eu saio sábado de manhã. — O xerife Briggs, pôde confirmar que a diligência viria para levá-la a Grand Platte.

— Eu aposto que ficará feliz em voltar para casa.

Polly deu de ombros.

— Eu vou. Mas há muito aqui do qual sentirei falta.

Everett olhou para ela com olhos semicerrados.

— Alguma coisa em particular que irá sentir falta?

— Bem —, Polly disse pensativa — vou sentir falta de Ellie. E Marmee. E seus irmãos. E Alice.

— Isso é tudo?

Antes que Polly pudesse responder, um dos cowboys se aproximou e deu um tapa nas costas de Everett.

— Acabei de ouvir a notícia — disse ele.

— Que notícia é essa?

— De suas próximas núpcias com a garota Hartman.

— Eu não acho...

— Boa sorte, chefe — disse o cowboy, apontando para Everett enquanto se afastava.

Everett voltou os olhos para Polly. Ela não queria acreditar na notícia.

— Polly... — ele disse, sua voz falhando.

— Eu deveria voltar para a casa.

Enquanto Polly caminhava em direção à porta, um homem que ela não reconheceu entrou no celeiro. Ele estava acenando com uma espingarda e seus olhos estavam correndo para a esquerda e para a direita como se estivesse procurando por alguém. Seus olhos pousaram em Tot e na mulher de cabelos grisalhos.

— Eu disse para não vir aqui, Verna! — ele gritou. A música parou e todos se viraram para ver do que se tratava. O homem se moveu mais para dentro do celeiro, parando quando viu Tot ao lado de Verna. — Afaste-se da minha esposa! — ele estava balançando a arma no ar enquanto gritava as palavras, saliva voando de seus lábios.

— Randall —, disse o xerife Briggs, tentando guiar o homem de volta para a porta. — andou bebendo.

— Não é da conta de ninguém se tiver. Vim buscar minha esposa e filha. Onde está Annamae? — Annamae apareceu de dentro da multidão. — O que diabos está vestindo? Está parecendo uma Jezebel.

— Pa...

— Não fale de volta para mim, garota! Olhe para você. Seu cabelo está todo arrumado e tem rouge nos lábios. Não é melhor do que sua irmã. Tem beijado garotos?

Quando Annamae não respondeu imediatamente, ele se aproximou. Polly viu a jovem encolher na frente do pai.

— Não, pai — ela sussurrou alto o suficiente para se ouvir.

Randall se aproximou e levantou a mão, dando-lhe um tapa na bochecha. Annamae soltou um grito e Polly pôde ver a marca da mão de seu pai em sua pele pálida. Ele moveu seu braço para atacar novamente quando Sawyer o agarrou e empurrou o homem para longe dela.

— Faça isso de novo —, ele rosnou — e terá que responder a mim e a todos os homens no celeiro.

— Não pode me dizer o que fazer com meus parentes. Eles estavam aqui apenas para ver a prole do diabo — Randall arrancou a mão de Sawyer. — Onde está o garoto? — Seus olhos se moveram rapidamente ao redor da sala até que ele viu Hart agarrado à perna de Alice. — Bem, eu sabia. Ele se

parece com a mãe. Ela não merecia viver, e nem este menino. Não vou descansar até que Evangeline e seus filhos sejam erradicados da Terra.

Randall bombeou a espingarda e apontou para Alice e Hart. Polly ouviu Marmee e a Sra. Hartman, gritarem ao mesmo tempo.

De repente, um tiro ecoou no celeiro. Randall pareceu atordoado quando uma mancha vermelha apareceu no meio de sua camisa.

— Eu não podia deixá-lo fazer isso, Pa — disse Chat. — Pode nos bater o quanto quiser, mas eu não vou deixá-lo atirar em uma criança.

Randall caiu no chão e um som de gargarejo saiu de sua boca. Sangue escorria de sua boca enquanto ele cuspiu suas palavras finais para Chat.

— Não é meu garoto — ele rosnou antes de fechar os olhos.

Xerife Briggs avançou.

— Eu vou precisar dessa arma, Chat.

Chat girou a arma em seu dedo e a entregou ao xerife.

— Eu o estava impedindo de atirar em Alice e Hart.

— Eu sei — disse o xerife. — E tem todas essas testemunhas para dizer isso. É apenas uma formalidade. Passe na cadeia amanhã, para que possamos registrar um relatório e enviá-lo ao juiz.

Um murmúrio percorreu a multidão. O xerife caminhou até a Sra. Hartman.

— Desculpe, Verna. Vou pegar a carroça e podemos enterrá-lo pela manhã.

— Não significa nada se fizer isso. Ele tinha um coração tão negro, que nenhuma luz conseguia passar.

Polly tentou processar tudo o que tinha visto. Foi demais. Apenas demais. Ela olhou de relance para Everett e então girou nos calcanhares e correu em direção à casa.

CAPÍTULO 10



Polly não conseguia acreditar que sua melhor amiga estava se casando. Todos os trabalhadores do rancho, exceto os poucos que estavam no campo, estavam reunidos no grande celeiro mais próximo da casa. O chão sujo estava coberto com palha fresca e limpa, e os resquícios do terrível incidente da noite anterior haviam sido limpos.

O casamento foi adiado por um dia para permitir que todos se recuperassem e para que Randall Hartman, fosse enterrado. Os únicos Chapmans presentes em seu funeral foram, o Sr. e a Sra. Chapman e Alice.

Polly segurava um buquê de folhas coloridas amarradas em uma fita, que daria a Ellie assim que sua amiga saísse de casa. Lydia, Hart e Annamae, recolheram as folhas do riacho. Hart estava extremamente orgulhoso de sua contribuição para o casamento.

Polly saltava, de um pé para o outro. Estava frio, e seu xale estava no outro extremo do celeiro, onde Owen e o pregador estavam.

Ela espiou dentro do celeiro. Os fardos de palha tinham sido dispostos em fileiras e os homens estavam espalhados entre eles. Na frente, podia ver Marmee sentada em um dos fardos. Alice, Marianne e Penny estavam sentadas ao lado dela. Do outro lado estavam os irmãos de Owen e suas esposas.

Annamae sentou-se na fileira atrás dos irmãos Chapman. Polly observou quando ela se inclinou, para sussurrar algo no ouvido de Everett. Everett riu e Polly fechou os olhos, contando até cinco. Respirando fundo, exalou suavemente e abriu os olhos, continuando a escanear os rostos.

Verna Hartman, sentou-se com Tot em direção à porta. O cozinheiro não tirou os olhos dela desde que a viu no baile. Ele deve ter dito algo a ela, quando Verna levou um lenço ao rosto e acenou com a cabeça.

Polly olhou de volta para a primeira fila. Quando olhou para os irmãos, notou Everett olhando para ela. Seus olhos profundos não revelavam nada do que ele estava pensando.

Ele não disse nada sobre sua partida. Sempre fora seu plano partir depois do casamento, e agora parecia que não havia nenhuma razão para ficar. Ela quebrou o contato visual, incapaz de olhar para o homem que havia partido seu coração.

E finalmente!

Ouviu-se a batida da porta da frente e Ellie apareceu, escoltada por Weston. Polly deu um pequeno suspiro. Já a havia visto em seu vestido. Na verdade, ela a ajudou a se preparar para o casamento. Mas ver Ellie, a garota que ela conhecia desde a infância, descendo os degraus em direção ao celeiro, a fez ter vontade de chorar.

O vestido de Ellie se encaixava perfeitamente, e seu cabelo estava em cachos que Polly levou várias horas, com um bastão quente, para dar forma. Na cabeça, usava uma pequena tiara de prata segurando seu véu no lugar. Essa foi a coisa emprestada, pois a mãe de Polly havia enviado para Ellie usar. O devolveria quando voltasse para casa.

Marmee deu a Ellie, seis pence para colocar no sapato esquerdo para trazer sorte ao casal, recém-casado. Era a mesma moeda que a mãe de Marmee deu a Marmee quando ela se casou. Polly nunca tinha ouvido falar de tal costume, mas era popular na Irlanda, de onde vinha a família de Marmee.

Weston estava vestido com seu melhor terno, com uma fita amarrada no pescoço. Ele segurava o braço de Ellie enquanto atravessavam o pátio até o grande edifício. Quando chegaram à grande porta, Polly puxou Ellie para um abraço.

— Eu não posso acreditar que está realmente se casando. Por que demorou tanto para chegar aqui?

— Oh, Polly —, Ellie disse, pegando o buquê de folhas dela. — estou me sentindo tão enjoada.

— De um jeito bom ou mau?

— De um jeito bom, eu acho. Estou tão nervosa — Ellie sussurrou.

— Todos os pensamentos irão embora, quando começar a caminhar em direção a Owen.

— Como ele parece?

— Muito bonito, de fato — Polly assegurou à amiga.

— Oh, meu Deus! — Ellie se preocupou. — Tenho medo de desmaiar.

— Não se atreva, Elenore Elizabeth — Polly ajustou o véu de Ellie. — Vai ficar bem. Comece a andar e apenas sorria.

— Ninguém pode me ver sob este véu.

Polly deu uma risadinha.

— Owen saberá se estiver sorrindo. Apenas caminhe até lá, até seu amado.

Ellie assentiu. Weston entrou no celeiro para sinalizar ao pregador que eles estavam prestes a entrar.

— Está na hora, Ellie Beth — Weston disse suavemente.

Ellie assentiu. Ela apertou a mão de Polly quando entraram no celeiro. Polly deslizou atrás deles e caminhou pelo outro lado das fileiras, parando ao lado de Penny. Enquanto todos observavam Ellie, os olhos de Polly estavam em Owen.

Sua mandíbula estava apertada, e ela podia ver o brilho das lágrimas em seus olhos.

Polly sentiu alívio, ao saber que sua amiga estava se casando com o melhor

dos homens. Olhando para Owen, não havia dúvidas de seus sentimentos em relação a Ellie. Tirando o lenço, Polly enxugou os olhos.

Ela ouviu Marmee fungar e tentou não rir. O momento foi quebrado para ela. Quando se virou para ver Ellie descer pelo celeiro, viu Everett olhando em sua direção, os lábios pressionados em uma linha fina. Onde Owen parecia estar apertando a mandíbula para não demonstrar emoção, Polly podia ver aborrecimento escrito no rosto de Everett. Em vez de ficar com raiva, sentiu um vazio se acumular em sua barriga. Ela tentou deixar de lado, enquanto Ellie tomava seu lugar ao lado de Owen.

Todos se sentaram quando o pregador começou a cerimônia. Polly tentou se concentrar nas palavras, em vez de no homem que a observava do outro lado do celeiro.



O céu escuro combinava com seu humor. O ar havia virado e a temperatura estava caindo.

Uma leve garoa fria caía do céu e Polly pensou que se tornaria neve ao cair da noite. Ela puxou o xale mais apertado ao redor dela, tentando bloquear um pouco do vento que soprava pela cidade. Ocasionalmente, o vento esgueirava-se por baixo de sua saia, fazendo com que o tecido inflasse e ofegasse quando o ar frio atingia suas pernas.

Estava grata por Ellie insistir que ela usasse as calças de flanela. Enxugando as lágrimas com a mão enluvada, esperou a chamada de embarque para subir na diligência. Embora, ela não soubesse por que, não havia ninguém esperando além dela. Pegaria a diligência para Grand Platte e depois, partiria no trem da noite para o Leste.

Ela pulou de pé em pé, desejando um pouco de calor em suas pernas. Eles precisariam partir logo, se ela quisesse pegar o trem mais tarde naquela noite. Caso contrário, teria que esperar até a manhã seguinte. Ela optou, por uma cabine-leito. Preferia dormir no trem, do que em um hotel em uma cidade que não conhecia.

O condutor da diligência tentava prender seus baús no teto desta e Oliver o ajudava do chão. A chuva caía de seus casacos e das abas de seus chapéus.

Polly não sabia por que o condutor simplesmente não colocou os baús dentro da carruagem. Não era como se alguém estivesse andando com ela. Ninguém, ao que parece, fez a viagem até Flat River.

Ellie queria viajar para a cidade para se despedir de Polly, mas Polly insistiu que ela ficasse em casa. Estava muito frio para sua amiga viajar. Ela observou como a garoa se transformou em chuva leve. Torcia para que a diligência não ficasse presa no caminho para Grand Platte.

Ela esperava que Everett a levasse para a cidade, mas ele desapareceu naquela manhã sem dizer adeus. Polly não ficou surpresa. Ele não falou com ela na recepção do casamento.

Polly sabia que logo receberia uma carta de Ellie dizendo que Everett havia se casado com Annamae e que eles iriam construir uma família. Não podia

suportar a ideia, então pediu a Oliver que a levasse até a cidade.

Hart ficou desapontado por não poder ir junto para o passeio, mas Lydia não queria que ele corresse o risco de ter febre, pois a chuva fria ameaçava cair. Polly prometeu ao jovem que enviaria uma carta especificamente para ele quando escrevesse para Ellie.

— Tudo feito — disse o condutor, puxando mais uma vez as cordas.

Oliver saiu da lateral da diligência e abriu a porta. Polly respirou fundo e saiu da plataforma mercantil para o chão duro. Ela saltou através da garoa e colocou uma cesta no assento.

Marmee havia embalado a cesta para ela, enchendo-a de sanduíches, maçãs, queijo duro, pão e até um pote de manteiga de maçã para a viagem. Ela queria ter certeza de que Polly não passaria fome na viagem de cinco dias.

Ela tentou dizer que não seria necessário, que poderia comprar suas próprias refeições, mas Marmee insistiu que ela levasse a cesta. Até envolveu Polly em um abraço, beijando sua bochecha e convidando-a de volta para visitá-la. Ouviu Marmee dar um pequeno soluço enquanto a soltava para que se despedisse do resto das mulheres.

Polly soube naquele momento o quanto sentiria falta dos Chapmans.

Eles a levaram para sua casa e a trataram como um deles. Percebeu o sentimento exato que Ellie tentou descrever em suas cartas. Por pouco mais de três semanas, ela foi um deles. Foi uma filha amada, uma amiga, uma irmã.

Ellie prometeu escrever e fez Polly prometer enviar uma carta assim que chegasse em casa. Polly fez a promessa, e começaria sua carta na viagem de trem para o Leste.

Virando-se para Oliver, ela tirou o cabelo dos olhos.

— Obrigada por me trazer.

— Foi um prazer, Polly — ele se inclinou para frente e deu um leve abraço em Polly. Não muito apertado, mais como o que um irmão daria. O coração dela deu um pulo. Ela estava voltando para ser filha única e não tinha irmãos para consolá-la.

— Diga a todos que me despedi e mandarei um telegrama assim que chegar em casa — Oliver assentiu. — E agradeça a Marmee novamente pela cesta. Eu sei que minha mãe vai adorar a manteiga de maçã — ela mordeu o lábio, tentando não dizer as palavras que estavam em sua língua. Segurando a pergunta que esteve em sua mente durante toda a manhã — *por que Everett a estava evitando?*

Oliver deve ter lido sua mente.

— Sabe que ele é um tolo — não havia dúvida a quem Oliver estava se referindo.

— Bem, eu não posso fazer nada sobre isso.

Oliver a encarou. Ele tinha os mesmos olhos escuros que seus irmãos.

— Promete que vai voltar para nos visitar?

Polly balançou a cabeça.

— É uma longa viagem, e acho que não posso ficar longe dos meus pais

por tanto tempo.

Oliver pegou a mão dela e a ajudou a entrar na carruagem.

— Estou feliz que tenha sido capaz de visitar — disse ele, fechando a porta.

Polly colocou a mão na pequena janela na porta.

— Eu também. Nunca esquecerei esta viagem.

Ela parecia querer dizer alguma coisa, mas se conteve. Apenas, assentiu e bateu na lateral da diligência duas vezes. A diligência deu um solavanco para a frente e depois aumentou a velocidade se afastando da cidade.

Ela balançou no banco enquanto olhava pela janela. O condutor parecia acertar deliberadamente cada sulco ou buraco no chão. Polly sabia que deveria abaixar a cobertura para evitar a chuva, mas não conseguia tirar os olhos da paisagem enquanto a diligência avançava.

Eles finalmente passaram pela ponte que cobria o riacho. Polly reconheceu o local como sendo do lado de fora do rancho Chapman.

Ela ainda podia sentir o calor dos braços de Everett ao seu redor. Quando ele pulou de Shadow e insistiu que a levaria até a cidade, sabia que não era tão afetado quanto parecia. Ela jogou cada interação em sua mente, procurando alguma pista do que Everett estava sentindo.

Percebeu no final de sua estadia, que estava apaixonada pelo cowboy melancólico. Talvez, ela devesse ter dito a ele. Talvez, ele não se casasse com Annamae e a pedisse para ficar. Mas ele não fez nenhuma dessas coisas. À medida que todos os “talvez” surgiam em sua mente, a diligência mostrava pastos cheios de vacas.

Quando viu os longhorns, ela sabia que eles estavam no final da propriedade Chapman. Vários cowboys subiram em suas selas e acenaram quando a carruagem passou. Polly levantou a mão, acenando adeus. Enquanto o rancho desaparecia ao longe, Polly abaixou a cobertura da janela, colocando a cabeça entre as mãos, e chorou.



DUAS SEMANAS DEPOIS, ATLANTA, GEÓRGIA

— Pollyanna, deveria estar feliz por estar em casa.

Polly, virou-se em seu assento perto da janela. Ela estava tentando ler o último romance de Beadle, mas as palavras não a interessavam. Ao invés disso, ela olhava pela janela as pessoas correndo em um vai e vem na chuva.

Novembro estava sendo um mês tão sombrio. Um dia depois que ela chegou em casa, foi ver a Sra. Bailey para devolver o livro de receitas com todas as anotações de Polly na margem. A mulher gentil, disse a Polly para ficar com ele. Polly ficou tão emocionada que não conseguia falar. Ela simplesmente abraçou a Sra. Bailey e saiu correndo da loja.

— Estou feliz, mamãe. Eu só estou sentindo falta de Ellie — Ela desenrolou as pernas debaixo dela. Dando uma última olhada para o clima sombrio lá fora e se mudou para uma cadeira em frente a sua mãe.

— Tome um chá, querida. Tenho sobras de biscoitos do café da manhã e

coloco um pouco de manteiga de maçã em um prato — Sra. Phillips parecia preocupada enquanto servia chá em uma xícara. Ela acrescentou um cubo de açúcar e um pouco de leite antes de entregar a xícara para Polly.

Polly mexeu o chá e derramou um pouco no pires. Girando-o no pires até esfriar, bebeu e depois recolocou a xícara. Era um hábito com o qual ela crescera. Seu pai fazia com café, sua mãe com chá.

Nunca viu os Chapmans fazerem isso. Eles não tinham xícaras de porcelana. Tudo era esmaltado ou ferro fundido. O que ela daria para ter uma xícara de café que esteve no fogão o dia todo. No momento em que todos chegassem para o jantar, poderia estar tão espesso quanto alcatrão. Eles apenas diluíam com um pouco de água e adicionavam um pouco de açúcar duro, se necessário.

Sra. Phillips pegou um biscoito e o cortou. Ela cobriu os dois lados com manteiga de maçã e entregou metade do biscoito para Polly. Esta notou que suas mãos tremiam quando pegou a guloseima de sua mãe.

Sra. Phillips mordeu seu biscoito com prazer.

— Ah, isso é maravilhoso. É incrivelmente bom, se conseguir superar a aparência. Quase parece lama. Eu não acho que vou compartilhar com seu pai, no entanto. Ela deu outra mordida — Não, obrigada, este será meu frasco particular. Pollyana? — Polly olhou para a mãe. — O que há de errado, querida?

Polly pousou a xícara. Tentou morder o biscoito, mas enquanto olhava para a manteiga de maçã, lembranças de aparar e limpar as maçãs inundaram sua mente. Imagens de Everett rindo encheram seus pensamentos e uma lágrima gorda caiu no doce.

— Oh, mamãe — ela chorou. Pôs o biscoito ao lado do chá e colocou o rosto nas mãos. As lágrimas estavam vindo mais rápido agora, e ela estava com dificuldade para respirar. Ela sentiu as mãos de sua mãe puxando-a para uma posição de pé.

— Venha para o sofá, criança — disse ela, ajudando Polly a sentar na grande almofada. Sra. Phillips sentou-se ao lado da filha e puxou Polly contra o peito. — Deixe sair, Polly — ela disse suavemente, balançando Polly para frente e para trás.

Polly foi consolada, pois era assim que sua mãe cuidava dela sempre que Polly estava chateada ao crescer. Quase nada a afetava, mas isso foi como uma bolha estourando. Quando seu choro se transformou em fungadas, Polly apenas se sentou, confortando-se nos braços de sua mãe.

— Por que ele não pode me amar, mamãe?

— Está querendo dizer o seu cowboy? — Polly acenou com a cabeça contra o pescoço de sua mãe. Sra. Phillips inclinou Polly para trás. — Talvez ele não estivesse pronto para amá-la, minha querida. — Movendo o cabelo de Polly para o lado, ela deu um beijo em sua testa. — Talvez, seja forte demais para ele.

— Eu tentei não ser.

— As mulheres Phillips podem ser intimidantes — ela se levantou do sofá e levantou os pés de Polly. — Deite-se um pouco e eu vou pegar um pano fresco para sua cabeça — Polly assentiu e ouviu sua mãe sair da sala. Fechou os olhos e escutou a mãe voltar.

Ela ouviu uma batida na porta e duas vozes falando baixinho, antes que a porta se fechasse novamente. Passos entraram na sala e Polly sentiu o pano frio contra sua cabeça.

— Acho que sua mãe ficaria horrorizada se eu me sentasse em seu lindo sofá com meu casaco molhado — disse uma voz profunda sobre ela.

Os olhos de Polly se abriram. Ela estava sonhando? Se inclinou um pouco e estendeu a mão para ver se ele era real. Ele era. Como um sonho, ele estava na frente dela. Seus olhos escuros permaneceram sobre ela. Ele tinha uma barba rala e seu cabelo estava grudado na cabeça por causa da chuva.

— O-o-o que está fazendo aqui, Everett?

Everett ajoelhou-se ao lado do sofá, o casaco pingando no chão de madeira.

— Eu tive que ir ver Annamae. Quando voltei, já tinha ido embora.

— Eu disse que estava indo embora.

Everett olhou para baixo por um momento.

— Eu sei. Sinto muito por não estar lá para impedi-la de ir.

Impedi-la de ir? Polly sentou-se abruptamente, o pano frio caindo de sua testa.

— Por que está aqui? Não deveria estar em Flat River, se preparando para seu casamento ou algo assim?

Everett pegou o pano e o pressionou suavemente contra a bochecha de Polly. Então ele a moveu para o outro lado.

— Não. Eu deveria estar aqui, me preparando para o meu casamento.

— Seu casamento?

— Com a mulher que amo, se ela me aceitar.

— Pensei que fosse se casar com Annamae? — a esperança se acendeu em sua voz.

Everett balançou a cabeça.

— O pai dela estava tentando forçar um casamento. Eu honestamente concordei com isso, pois pensei que poderia aproximar nossas famílias. No entanto, quanto mais eu passava tempo com uma mulher corajosa do Sul, mas eu percebia que não poderia continuar com aquilo, não importa o quanto o pai dela nos ameaçasse. Fui naquela manhã, checar a família e dizer a ela que ia te pedir para ficar. Eu não poderia me casar com Annamae, se estou apaixonado por outra pessoa.

Polly se aproximou.

— Me ama? — Sua voz chiou em seus ouvidos.

Everett assentiu.

— Peguei o primeiro trem que pude para chegar aqui. Demorou uma semana para a diligência chegar a Flat River. Depois foram dois dias para encontrar sua casa. Ellie não é particularmente boa com direções.

— Annamae ficou chateada?

— Querida, ela não queria se casar comigo, tanto quanto, eu não queria me casar com ela. Acho que ela está de olho em um certo cowboy.

— Sawyer? — Everett assentiu. Polly riu e levou as mãos ao rosto. — Oh Deus, eu estou uma bagunça.

— Está linda, Polly. Tão linda quanto, no dia em que a vi sair daquela diligência.

— Diga-me novamente — disse ela, movendo-se para agarrar seus braços. Everett ergueu a sobrancelha. — Por favor — implorou, movendo-se um pouco mais perto dele. Seus dedos estavam ficando molhados enquanto ela se agarrava às mangas do seu casaco.

— Eu te amo, Polly Phillips.

— Eu também te amo, Everett. Eu o amo muito — ela colocou os braços em volta do seu pescoço.

— Diga que irá se casar comigo.

Polly plantou beijos em suas bochechas.

— Sim. Sim, meu amor. Eu casarei contigo.

— Voltará para Flat River comigo?

Polly fez uma pausa.

— Claro que eu vou.

— Precisaremos nos casar imediatamente.

— Imediatamente?

— Tenho uma passagem para daqui a dois dias. Precisamos chegar a Grand Platte para pegarmos o trem antes que comece a nevar. Caso contrário, ficaremos presos aqui até a primavera.

Polly riu, seu peito finalmente liberando seu aperto.

— Eu posso estar pronta para ir em dois dias.

— Estou feliz por ter aparecido, meu jovem — a sra. Phillips chamou da porta.

— Sim, senhora.

— Quando terminar de beijá-la, faria a gentileza de pendurar seu casaco, para que não estrague os tapetes?

Everett riu, e logo Polly juntou-se.

— Sim, senhora — disse ele, inclinando-se para capturar os lábios de Polly com os seus.

EPÍLOGO



A neve estava começando a cair. Faltavam dois dias para o Dia de Ação de Graças e Everett mal podia esperar para chegar em casa para comemorar com a família. Havia muito a agradecer por este ano. Velhos amigos, novas famílias, crianças, bebês esperando para nascer.

Everett tinha suas próprias razões para estar agradecido. Ele olhou para sua esposa sentada ao lado dele no banco. Polly Chapman, era a mulher mais bonita que ele já tinha visto, e agora era dele. Levantou a mão, enrolando os dedos ao redor dos dela e deu-lhes um beijo. Seus olhos azuis estavam brilhando, e ele rezou para que pudesse manter a expressão feliz em seu rosto.

Ela se inclinou e lhe deu um beijo. Uma vez que Everett revelou suas intenções, Polly se tornou muito ousada com seus beijos, e isso foi simplesmente bom para ele.

Eles tiveram um casamento simples. Era apenas o jovem casal, os Phillips, os Brooks e até a Sra. Bailey compareceu, trazendo seu famoso pão de ló vitoriano.

Os pais de Ellie vieram comemorar o evento, já que não podiam viajar para o Oeste, para o casamento de sua própria filha. A família Phillips estava aceitando seu novo genro e prometeram visitá-los na primavera, junto com a família de Ellie.

Everett teria muito tempo para contar a Marmee assim que voltassem a Flat River. Quando a primavera chegasse, quase todos estariam em suas próprias casas, então haveria bastante espaço na casa principal.

Polly olhou para trás pela janela da diligência. O vento que soprava na carruagem era frio, mas ela não parecia se importar. Olhando por cima do ombro para Everett, ela deu um pequeno suspiro.

— É a visão mais linda! — disse ela. — Raramente temos neve em Atlanta e, quando neva, não fica branco por muito tempo. Esta é a coisa mais mágica que eu já vi.

— Apenas espere até janeiro, quando não se pode sair da casa ou do celeiro. Não pensará que é tão mágico, então — Everett riu.

— Flat River, 15 minutos à frente — o condutor avisou.

— Estamos quase em casa — disse Polly sem fôlego.

— Sim. Casa.

A diligência chacoalhou pelo riacho coberto de gelo. A neve estava

começando a cair contra as margens.

— Como vamos chegar na casa?

Everett estendeu a mão para fora da carruagem e deu uma batida no teto. Quando puxou o braço de volta, ele apontou para a janela de Polly.

— Olhe! — disse, aproximando-se dela.

Ela se inclinou para ele ligeiramente enquanto ambos olhavam para o riacho. Junto à ponte havia um cavalo e uma carroça. Everett podia ver Sawyer e Owen parados na neve. Hart estava de pé no banco, balançando o chapéu no ar.

Polly se inclinou para fora da janela e acenou de volta. Hart disse algo para Owen e os dois riram.

Shadow estava amarrada na traseira da carroça e relinchou em boas-vindas quando eles se aproximaram.

— Não adianta ter que ir até a cidade para pegar os baús — disse ele enquanto a diligência parava.

— Tia Polly! Tio Everett! — Hart chamou enquanto desciam da diligência.

— Eu que conduzi a carroça até aqui!

— Ótimo trabalho, Hart — Polly chamou. — Mal posso esperar para ver você levá-la para casa.

— Bem-vinda ao lar, irmã — disse Owen, aproximando-se e envolvendo Polly em um abraço. — Estou feliz que ele foi capaz de trazê-la de volta. Tínhamos nossas dúvidas — ele riu, soltando-a e dando um tapa nas costas de Everett. — Como é ser casado?

Everett puxou Polly para perto em um abraço de lado.

— É mais do que eu jamais poderia ter imaginado.

— Certamente foi uma surpresa quando ele apareceu — disse Polly.

— Foi o que dissemos, quando ele nasceu — Owen brincou. — Vamos baixar esses baús. O que mais tem?

— Minha bolsa na diligência, junto com uma caixa. Eu vou pegar esses.

Polly puxou sua bolsa e entregou a Sawyer.

— Vou levar a Caixa — disse ela. — É o meu vestido de noiva.

Sawyer inclinou a cabeça.

— Achei que já estivessem casados.

— Nós estamos. Estou guardando para quando tivermos um filho. Vai se tornar um vestido de batizado.

Sawyer assentiu e colocou sua bolsa sob o assento da carroça, e então foi ajudar Everett e Owen com os dois baús.

— Beadle publicou quatro novos romances este mês. Eu os li no trem até aqui. Acho que você e Ellie vão apreciá-los — disse Polly, caminhando pela neve até a carroça. Era apenas na altura do tornozelo, mas ainda sim dificultava bastante a caminhada. Ela guardou seu vestido sob o assento e o cobriu com um cobertor para mantê-lo seco.

— Obrigado, Polly — disse Owen. — Eu sei que Ellie vai gostar disso. Ela sentiu sua falta, enquanto esteve fora.

— Eu senti falta dela. Na verdade, senti falta de todos.

Assim que Everett empurrou o último baú na carroça, deslizou a prancha no lugar e foi desamarrear Shadow. Ele acariciou a égua, que cutucou Everett com o focinho.

— Tudo bem — disse ele, puxando uma hortelã-pimenta do bolso. Shadow, deu sua aprovação, enquanto dava conta do leite açucarado.

Everett passou as mãos ao longo de seu flanco e verificou os arreios, em torno de sua cintura. Quando ficou satisfeito com tudo no lugar, ele a desamarrou e subiu na sela. Deu um assobio e Shadow começou a andar lentamente ao redor da carroça.

— Então, Sra. Chapman —, ele disse com uma piscadela. — a senhora, pode cavalgar atrás de mim, ou por cima do meu joelho de volta para a casa — ele baixou a mão para ela.

Polly deslizou a mão enluvada na de couro.

— Nenhum deles, Sr. Chapman. Pretendo andar na frente.

— Parece uma boa ideia — disse ele. Com um puxão rápido, ela estava sentada em seu colo e seus braços ao redor dela.

Polly colocou a cabeça no peito de Everett e passou os braços em volta de sua cintura. A carroça rolou lentamente ao redor deles, levando suas bagagens de volta para o rancho. Hart deu outro pequeno aceno, enquanto batia com as rédeas no cavalo.

Polly riu e isso foi direto ao coração de Everett. Sim, ele era muito abençoado.

MAIS DOS CHAPMANS POR VIR



Cansada de quatro irmãos mais velhos assustando todos os pretendentes, Alice decide resolver o assunto com as próprias mãos. O que ela não esperava era que o amigo de infância da família percebesse como ela era adulta e jurasse protegê-la; mesmo que fosse de sua própria família.



A muito aguardado prequel da popular série Os Chapmans. Descubra como tudo começou na década de 1840 na América.

Uma mulher mais forte do que ela percebe, o homem que subestima seu amor e a aventura de uma vida que espera por eles na trilha.

OS CHAPMANS

LIVRO 1



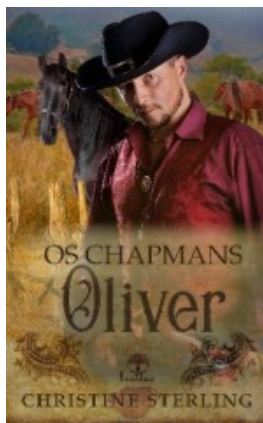
Owen Chapman tem sonhos tão grandes quanto o céu do Nebraska. O que acontece quando um corpo aparece no rancho Chapman e a noiva do morto vem pedindo respostas?

Os planos de Owen Chapman de começar um rancho de cavalos estão finalmente se tornando realidade. Com seus irmãos como parceiros de negócios, ele sabe que não há como falhar. O que ele não esperava era que uma beldade do Sul chegasse e ressuscitasse uma rixa de dez anos que ele achava que estava finalmente no passado.

Elenore 'Ellie' Brooks anseia por casamento, filhos, aventura e uma vida no Oeste. Quando seus planos mudam, ela responde a um anúncio de noiva por correspondência. Mas quando chega em Flat River, Nebraska, nada é como imaginava e ela se vê empurrada para uma família local até que possa voltar para casa. O que ela não contava era com o irmão mais velho e o modo como ele a fazia questionar suas escolhas na vida.

Ellie poderia convencer Owen a não mandá-la de volta para casa no próximo estágio, deixando a cidade? Owen será capaz de deixá-la ir quando o irmão do morto chamar, reclamando a mão de Ellie em casamento?

LIVRO 2



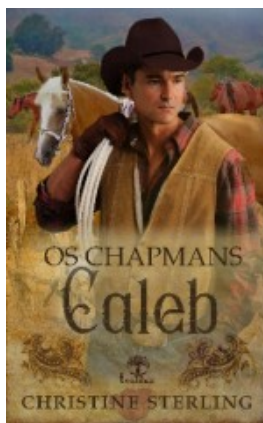
Oliver Chapman está vivendo sua melhor fase; tem tudo o que precisa, sem intenção de se casar. Isto é, até que uma mulher misteriosa aparece em seu rancho. Um casamento de conveniência poderá levar Oliver a perder seu coração?

Uma mulher maltratada é a última coisa que Oliver Chapman esperava ver ao explorar o campo. E sabia que não tinha escolha a não ser levá-la para casa e permitir que se curasse. Mas chegar perto de Willow está se mostrando mais difícil do que dos cavalos que correm soltos na pradaria.

Willow Stephens não confia nos homens. Ela foi usada pelo irmão para pagar uma dívida de jogo, e o homem que possui essa dívida é um dos mais perversos que já conheceu. Quando ela mata um homem em Flat River, Nebraska, sabe que precisa fugir. Mas não contava em ser resgatada por um cowboy alto e bonito, nem que sua família a protegeria com tudo o que tem.

Quando a lei vier à procura de Willow, será que Oliver fará o sacrifício final para protegê-la? Será que ele perderá seu coração e sua liberdade no processo? E Willow, aprenderá a confiar em Oliver o suficiente para lhe dar seu coração? O amor poderá conquistar todas as coisas e deixar a verdade libertá-las?

LIVRO 3



Um homem ansiando por perdão. Uma mulher cumprindo uma promessa; o perigo que os une.

Caleb Chapman nunca se recuperou da morte de seu irmão. Ele se culpa e promete seus dias restantes para proteger sua família. A chance para a aventura chama quando ele lidera uma condução de gado do Texas a Nebraska. O que ele não espera é encontrar uma mulher bonita sem memória de quem ela é ou como chegou lá.

Lydia Whitcomb não se lembra de porque está fugindo ou protegendo um menino de sete anos. Ela só sabe que algo terrível aconteceu e ela está agora em uma viagem de gado para Nebraska. O que ela não espera é um cowboy bonito para vigiá-la até que sua memória possa retornar.

Qual é o segredo que Lydia está escondendo? Lydia será capaz de esconder seus sentimentos por Caleb tão facilmente quanto esconde suas memórias? Uma vez que seu segredo venha à tona, separará o casal ou finalmente será o acerto de contas que eles precisam?

SOBRE CHRISTINE



Christine Sterling publicou seu primeiro livro de forma independente em 2017. Ela é a criadora da popular Pinkerton Matchmaker Series, Proxy Bride Series e North and South Series. É autora em várias colaborações, incluindo: The Belles of Wyoming, Cowboys and Angels, The Widows of Wildcat Ridge e Silverpines, onde seu livro Wanted: Medicine Man ganhou o melhor romance histórico de 2018. Ela recentemente se juntou à Sweet Promise Press como uma escritora histórica. autora de romances, escrevendo a série Pioneer Brides of Rattlesnake Ridge.

Ela escreve romances históricos de faroeste doces e saudáveis, bem como romances contemporâneos agradáveis. Ela mora na Pensilvânia com o marido, um Shih Tzu mimado, dois pastores alemães e um enérgico Border Collie, que a mantém alerta.

Ela passa seu tempo escrevendo, pensando em escrever e sonhando em escrever. Suas coisas favoritas são uma boa xícara de chá, cachorrinhos aconchegados, um filme que vai fazer você chorar e ouvir seus leitores.

INFORMAÇÕES LEABHAR

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Agradecimentos](#)
5. [Dedicatória](#)
6. [Os Chapmans e os Harthmans](#)
7. [Prefácio](#)
8. [Capítulo 1](#)
9. [Capítulo 2](#)
10. [Capítulo 3](#)
11. [Capítulo 4](#)
12. [Capítulo 5](#)
13. [Capítulo 6](#)
14. [Capítulo 7](#)
15. [Capítulo 8](#)
16. [Capítulo 9](#)
17. [Capítulo 10](#)
18. [Epílogo](#)
19. [Sobre Christine](#)
20. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
 2. [Beginning](#)
-
1. [1](#)
 2. [2](#)
 3. [3](#)
 4. [4](#)
 5. [5](#)
 6. [6](#)
 7. [7](#)
 8. [8](#)
 9. [9](#)
 10. [10](#)
 11. [11](#)

12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)

56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)

100. [100](#)
101. [101](#)
102. [102](#)
103. [103](#)
104. [104](#)
105. [105](#)
106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)